QUEM SOU EU DENTRO E FORA DA ESCOLA?

O MUNDO DOS PROFESSORES NO CONTEXTO ATUAL

Ademário Amâncio da Silva
Thallita Haiane Nogueira Cardoso
Tatiana Maria Pereira
Edjane Aureliano Vieira
Aline Maria dos SantosSoares
Ana Beatriz Lins Aragão
Gisele Vidal de Negreiros
Renata Barboza do Nascimento
Nayara de Oliveira Chagas Santos
Felipe Miranda Rodrigues



EDITORA CONHECIMENTO LIVRE

Ademário Amâncio da Silva
Thallita Haiane Nogueira Cardoso
Tatiana Maria Pereira
Edjane Aureliano Vieira
Aline Maria dos Santos Soares
Ana Beatriz Lins Aragão
Gisele Vidal de Negreiros
Renata Barboza do Nascimento
Nayara de Oliveira Chagas Santos
Felipe Miranda Rodrigues

Quem sou eu dentro e fora da escola? O mundo dos professores no contexto atual

1ª ed.

Goiâna-GO
Editora Conhecimento Livre

Copyright© 2026 por Editora Conhecimento Livre

1ª ed.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Silva, Ademário Amâncio da
S586Q Quem sou eu dentro e fora da escola? O mundo dos professores no contexto atual

/ Ademário Amâncio da Silva. Thallita Haiane Nogueira Cardoso. Tatiana Maria Pereira. Edjane Aureliano Vieira. Aline Maria dos Santos Soares. Ana Beatriz Lins Aragão. Gisele Vidal de Negreiros. Renata Barboza do Nascimento. Nayara de Oliveira Chagas Santos. Felipe Miranda Rodrigues. – Goiânia-GO

Editora Conhecimento Livre, 2026

61 f.: il
DOI: 10.37423/2026.edcl1312
ISBN: 978-65-5367-807-1
Modo de acesso: World Wide Web
Incluir Bibliografia

1. professores 2. educadores 3. escola I. Silva, Ademário Amâncio da II. Cardoso, Thallita Haiane Nogueira III. Pereira, Tatiana Maria IV. Vieira, Edjane Aureliano V. Soares, Aline Maria dos Santos VI. Aragão, Ana Beatriz Lins VII. Negreiros, Gisele Vidal de VIII. Nascimento, Renata Barboza do IX. Santos, Nayara de Oliveira Chagas X. Rodrigues, Felipe Miranda XI. Título

CDU: 370

https://doi.org/10.37423/2026.edcl1312

O conteúdo dos artigos e sua correção ortográfica são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

EDITORA CONHECIMENTO LIVRE

Conselho Editorial

MSc Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior

MSc Humberto Costa

MSc Thays Merçon

MSc Adalberto Zorzo

MSc Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno

PHD Willian Douglas Guilherme

MSc Andrea Carla Agnes e Silva Pinto

Dr. Walmir Fernandes Pereira

MSc Edisio Alves de Aguiar Junior

MSc Rodrigo Sanchotene Silva

MSc Adriano Pereira da Silva

MSc Guilherme Fernando Ribeiro

MSc Fabricio Vieira Cavalcante

PHD Marcus Fernando da Silva Praxedes

MSc Simone Buchignani Maigret

Dr. Adilson Tadeu Basquerote

Dra. Thays Zigante Furlan

MSc Camila Concato

PHD Miguel Adriano Inácio

Dra. Anelisa Mota Gregoleti

PHD Jesus Rodrigues Lemos

MSc Karine Moreira Gomes Sales

Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares

MSc Pedro Panhoca da Silva

MSc Helton Rangel Coutinho Junior

MSc Carlos Augusto Zilli

MSc Euvaldo de Sousa Costa Junior

Dra. Suely Lopes de Azevedo

Dr. Francisco Odecio Sales

MSc Ezequiel Martins Ferreira

MSc Eliane Avelina de Azevedo Sampaio

MSc Carlos Eduardo De Oliveira Gontijo

Dr. Rodrigo Couto Santos

Dra. Milena Gaion Malosso

PHD Marcos Pereira Dos Santos

Editora Conhecimento Livre
Goiânia-GO
2026

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 7
A IDENTIDADE PROFISSIONAL DO PROFESSOR
ADEMÁRIO AMANCIO DA SILVA
NAYARA DE OLIVEIRA CHAGAS SANTOS
THALLITA HAIANE NOGUEIRA CARDOSO
TATIANA MARIA PEREIRA
EDJANE AURELIANO VIEIRA
ALINE MARIA DOS SANTOS SOARES
ANA BEATRIZ LINS ARAGÃO
GISELE VIDAL DE NEGREIROS
RENATA BARBOZA DO NASCIMENTO
FELIPE MIRANDA RODRIGUES
DOI 10.37423/260611025

CAPÍTULO 2 12
O PAPEL DO PROFESSOR DENTRO DA ESCOLA
ADEMARIO AMANCIO DA SILVA
NAYARA DE OLIVEIRA CHAGAS SANTOS
THALLITA HAIANE NOGUEIRA CARDOSO
TATIANA MARIA PEREIRA
EDJANE AURELIANO VIEIRA
ALINE MARIA DOS SANTOS SOARES
ANA BEATRIZ LINS ARAGÃO
GISELE VIDAL DE NEGREIROS
RENATA BARBOZA DO NASCIMENTO
FELIPE MIRANDA RODRIGUES
DOI 10.37423/260611026

CAPÍTULO 3 17
O COMPORTAMENTO DO PROFESSOR NA RELAÇÃO COM OS ALUNOS
ADEMARIO AMANCIO DA SILVA
NAYARA DE OLIVEIRA CHAGAS SANTOS
THALLITA HAIANE NOGUEIRA CARDOSO
TATIANA MARIA PEREIRA
EDJANE AURELIANO VIEIRA
ALINE MARIA DOS SANTOS SOARES
ANA BEATRIZ LINS ARAGÃO
GISELE VIDAL DE NEGREIROS
RENATA BARBOZA DO NASCIMENTO
FELIPE MIRANDA RODRIGUES
DOI 10.37423/260611027

CAPÍTULO 4 22
A INTERAÇÃO COM OS PAIS E A COMUNIDADE
ADEMARIO AMANCIO DA SILVA
NAYARA DE OLIVEIRA CHAGAS SANTOS
THALLITA HAIANE NOGUEIRA CARDOSO
TATIANA MARIA PEREIRA
EDJANE AURELIANO VIEIRA
ALINE MARIA DOS SANTOS SOARES
ANA BEATRIZ LINS ARAGÃO
GISELE VIDAL DE NEGREIROS
RENATA BARBOZA DO NASCIMENTO
FELIPE MIRANDA RODRIGUES
DOI 10.37423/260611028

CAPÍTULO 5 30
A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR
ADEMARIO AMANCIO DA SILVA
NAYARA DE OLIVEIRA CHAGAS SANTOS
THALLITA HAIANE NOGUEIRA CARDOSO
TATIANA MARIA PEREIRA
EDJANE AURELIANO VIEIRA
ALINE MARIA DOS SANTOS SOARES
ANA BEATRIZ LINS ARAGÃO
GISELE VIDAL DE NEGREIROS
RENATA BARBOZA DO NASCIMENTO
FELIPE MIRANDA RODRIGUES
DOI 10.37423/260611029

CAPÍTULO 6 37
O PROFESSOR FORA DA ESCOLA
ADEMARIO AMANCIO DA SILVA
NAYARA DE OLIVEIRA CHAGAS SANTOS
THALLITA HAIANE NOGUEIRA CARDOSO
TATIANA MARIA PEREIRA
EDJANE AURELIANO VIEIRA
ALINE MARIA DOS SANTOS SOARES
ANA BEATRIZ LINS ARAGÃO
GISELE VIDAL DE NEGREIROS
RENATA BARBOZA DO NASCIMENTO
FELIPE MIRANDA RODRIGUES
DOI 10.37423/260711116

CAPÍTULO 7 44
O PROFESSOR E AS TECNOLOGIAS
ADEMARIO AMANCIO DA SILVA
NAYARA DE OLIVEIRA CHAGAS SANTOS
THALLITA HAIANE NOGUEIRA CARDOSO
TATIANA MARIA PEREIRA
EDJANE AURELIANO VIEIRA
ALINE MARIA DOS SANTOS SOARES
ANA BEATRIZ LINS ARAGÃO
GISELE VIDAL DE NEGREIROS
RENATA BARBOZA DO NASCIMENTO
FELIPE MIRANDA RODRIGUES
DOI 10.37423/260711117

CAPÍTULO 8 52
A DIVERSIDADE E A INCLUSÃO NA PRÁTICA DOCENTE
ADEMARIO AMANCIO DA SILVA
NAYARA DE OLIVEIRA CHAGAS SANTOS
THALLITA HAIANE NOGUEIRA CARDOSO
TATIANA MARIA PEREIRA
EDJANE AURELIANO VIEIRA
ALINE MARIA DOS SANTOS SOARES
ANA BEATRIZ LINS ARAGÃO
GISELE VIDAL DE NEGREIROS
RENATA BARBOZA DO NASCIMENTO
FELIPE MIRANDA RODRIGUES
DOI 10.37423/260711118

Capítulo 1

10.37423/260611025

A IDENTIDADE PROFISSIONAL DO PROFESSOR

ADEMÁRIO AMANCIO DA SILVA	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
NAYARA DE OLIVEIRA CHAGAS SANTOS	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
THALLITA HAIANE NOGUEIRA CARDOSO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
TATIANA MARIA PEREIRA	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
EDJANE AURELIANO VIEIRA	*UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO*
ALINE MARIA DOS SANTOS SOARES	*UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO*
ANA BEATRIZ LINS ARAGÃO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
GISELE VIDAL DE NEGREIROS	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
RENATA BARBOZA DO NASCIMENTO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
FELIPE MIRANDA RODRIGUES	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*

CAPÍTULO 1: A IDENTIDADE PROFISSIONAL DO PROFESSOR

Definindo a Identidade Profissional do Professor

Ser professor nos dias de hoje é um desafio multifacetado, repleto de nuances que vão além do simples ato de ensinar. Ao olhar para o cenário atual, é fundamental compreender o que significa ter a identidade profissional de um educador. Essa identidade se entrelaça com as experiências vividas, as motivações intrínsecas e a formação que um professor possui, sendo moldada por uma combinação rica de fatores que lhe conferem um caráter único. Conforme Nóvoa (1995), a identidade docente é construída ao longo da trajetória profissional e resulta das experiências, saberes e relações estabelecidas pelo educador em seu contexto de atuação.

Antes de tudo, a formação e as qualificações necessárias para a profissão de professor são a base sobre a qual se constrói essa identidade. Não se trata apenas de possuir um diploma ou um certificado de conclusão de curso. É o compromisso com a educação que vai além da sala de aula. Professores são criadores de experiências e facilitadores do conhecimento. Essa tarefa demanda uma formação contínua, onde novos conhecimentos e abordagens pedagógicas são absorvidos, ampliando a bagagem técnica, mas, principalmente, enriquecendo a dimensão emocional e social do educador. Nesse sentido, Imbernón (2010) destaca que a formação continuada constitui elemento essencial para o desenvolvimento profissional e para a melhoria da prática pedagógica.

Assim, elementos que compõem a identidade do professor incluem não somente as habilidades técnicas, mas também seus valores, crenças e práticas pedagógicas. A paixão por ensinar, a crença no potencial de cada aluno, a ética na prática educativa e o respeito ao próximo são pilares fundamentais que sustentam essa identidade. Freire (2021) afirma que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, compromisso ético e responsabilidade social, características indispensáveis ao exercício da docência.

Entretanto, essa jornada de autodescobrimento profissional não se dá sem reflexão. A importância da autoanálise na construção da identidade profissional é um aspecto crucial, pois é através da reflexão sobre a prática que os professores conseguem identificar suas forças e áreas de desenvolvimento. Schön (2000) argumenta que o profissional reflexivo aprende continuamente por meio da análise crítica de suas próprias ações, transformando a experiência em conhecimento.

Cada interação com o aluno, cada desafio enfrentado na sala de aula, proporciona uma oportunidade de crescimento e aprimoramento contínuo. Ao olhar criticamente para sua atuação, o educador passa a compreender não apenas como atua, mas também quem é dentro desse contexto. Segundo Pimenta (2012), a identidade docente é produzida e reconstruída continuamente a partir da reflexão crítica sobre a prática pedagógica.

A Influência do Ambiente Escolar na Identidade

O ambiente escolar é um microcosmo que reflete as mais diversas dinâmicas sociais, culturais e educativas. Esse espaço não é apenas um local de aprendizado, mas um organismo vivo, onde cada interação e vivência contribuem para a formação da identidade profissional do professor.

Nas escolas, a cultura é delineada não apenas por regras explícitas, mas também por valores e comportamentos que se estabelecem ao longo do tempo. Libâneo (2018) ressalta que a escola constitui um espaço de relações humanas e organizacionais que influencia diretamente o trabalho docente e o desenvolvimento profissional dos educadores.

A interação com a equipe pedagógica e com os colegas também desempenha um papel decisivo na construção da identidade docente. Muitas vezes, são nas trocas de experiências, nas reuniões de planejamento e nos momentos de partilha de práticas que o professor encontra suporte e inspiração. De acordo com Nóvoa (1992), a formação docente é fortalecida quando ocorre em ambientes colaborativos que favorecem a troca de experiências e a construção coletiva do conhecimento.

Além disso, as difíceis realidades enfrentadas no ambiente escolar também moldam a identidade do professor. Desafios como a falta de recursos, o desgaste emocional e a pressão por resultados podem trazer à tona uma série de questionamentos sobre sua efetividade e valor como educador. Tardif (2014) destaca que os saberes docentes são construídos no cotidiano escolar, em meio às experiências concretas e aos desafios enfrentados na prática profissional.

A resiliência torna-se, então, uma qualidade essencial. Refletir sobre essas dificuldades é crucial para que o professor não apenas se conheça melhor, mas também encontre estratégias de superação. Um educador que passa por situações adversas e as transforma em aprendizado constrói uma identidade mais robusta e consciente.

A Identidade do Professor em Contextos e Durante a Prática

A prática docente, embrenhada no cotidiano escolar, é um dos alicerces fundamentais que moldam a identidade de um educador. Cada dia, cada aula, traz novas interações e desafios que, passo a passo, constroem a imagem do professor não apenas como um transmissor de conhecimento, mas como um agente de transformação social. Freire (2021) enfatiza que a educação é um ato transformador, no qual professor e aluno aprendem mutuamente em um processo dialógico.

Quando um professor entra em sala de aula, ele não traz consigo apenas o conteúdo que precisa ser ensinado, mas também sua bagagem emocional e suas experiências de vida. Cada aluno, com suas histórias e singularidades, instiga reações diferentes, criando um ambiente dinâmico e muitas vezes imprevisível. Tardif (2014) ressalta que os saberes da docência são produzidos na interação entre formação acadêmica, experiência profissional e vivências pessoais.

Além do contato diário com os estudantes, a prática docente pode ser influenciada por fatores externos que impactam a relação do professor com sua identidade. As transformações tecnológicas e sociais exigem constante adaptação dos educadores. Nesse sentido, Imbernón (2010) defende que a atualização permanente é indispensável para que o professor responda às demandas da sociedade contemporânea.

Em meio a esse processo, relatos de colegas professores podem servir como fonte de apoio e troca de experiências. Segundo Nóvoa (1995), a construção da identidade profissional ocorre de forma coletiva, por meio da partilha de saberes e da colaboração entre os docentes.

Entretanto, o reconhecimento da importância da formação continuada não pode ser subestimado. Ser professor hoje exige ser um eterno aprendiz. Um educador que se recusa a se atualizar e a absorver novas práticas e teorias corre o risco de limitar seu desenvolvimento profissional. Conforme Schön (2000), a aprendizagem permanente e a reflexão crítica sobre a ação constituem pilares fundamentais para o crescimento profissional do educador.

Por fim, a identidade do professor se forma e se transforma na convivência contínua com seus alunos, colegas e com as demandas da sociedade. Trata-se de um processo dinâmico e permanente, marcado por aprendizagens, desafios e reconstruções constantes. Como afirma Pimenta (2012), a identidade docente é resultado de um movimento contínuo de construção e reconstrução dos saberes, das experiências e das práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

NÓVOA, António Nóvoa. Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, António Nóvoa. Profissão professor. Porto: Porto Editora, 1995.

PIMENTA, Selma Garrido Pimenta. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

TARDIF, Maurice Tardif. Saberes docentes e formação profissional. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

IMBERNÓN, Francisco Imbernón. Formação continuada de professores. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SCHÖN, Donald Schön. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos Libâneo. Organização e gestão da escola: teoria e prática. 6. ed. São Paulo: Heccus, 2018.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro Veiga (org.). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. 29. ed. Campinas: Papirus, 2013.

Capítulo 2

10.37423/260611026

O PAPEL DO PROFESSOR DENTRO DA ESCOLA

ADEMARIO AMANCIO DA SILVA	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
NAYARA DE OLIVEIRA CHAGAS SANTOS	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
THALLITA HAIANE NOGUEIRA CARDOSO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
TATIANA MARIA PEREIRA	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
EDJANE AURELIANO VIEIRA	*UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO*
ALINE MARIA DOS SANTOS SOARES	*UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO*
ANA BEATRIZ LINS ARAGÃO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
GISELE VIDAL DE NEGREIROS	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
RENATA BARBOZA DO NASCIMENTO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
FELIPE MIRANDA RODRIGUES	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*

CAPÍTULO 2: O PAPEL DO PROFESSOR DENTRO DA ESCOLA

As Múltiplas Funções do Professor

O papel do professor vai muito além das quatro paredes da sala de aula, envolvendo uma teia complexa de responsabilidades que garantem o funcionamento harmonioso e eficaz do ambiente escolar. Cada educador, ao assumir sua posição, torna-se um agente fundamental no desenvolvimento integral dos estudantes, contribuindo para a formação cognitiva, social, emocional e ética dos educandos. Nesse contexto, Freire (2021) destaca que ensinar não significa apenas transferir conhecimentos, mas criar condições para que os alunos construam seu próprio aprendizado de forma crítica e reflexiva.

Imagine, por exemplo, o Professor Carlos, que se dedica à Educação Física. Em sua rotina escolar, ele não apenas ministra aulas, mas também organiza eventos esportivos, promove hábitos saudáveis e incentiva valores como disciplina, respeito e trabalho em equipe. Tais ações evidenciam que a prática docente extrapola o ensino de conteúdos específicos, assumindo uma dimensão formativa essencial para a constituição da cidadania. Segundo Libâneo (2022), o trabalho docente envolve diferentes funções pedagógicas e sociais que contribuem para a formação integral do estudante.

Além das atividades de ensino, os professores participam ativamente das dinâmicas administrativas da escola. As reuniões pedagógicas constituem momentos importantes para a construção coletiva de estratégias educacionais e para o fortalecimento das práticas colaborativas. De acordo com Lück (2021), a participação dos professores nos processos decisórios fortalece a gestão educacional e favorece a melhoria da qualidade do ensino.

A integração entre educadores de diferentes áreas do conhecimento possibilita a construção de projetos interdisciplinares capazes de ampliar a aprendizagem dos estudantes. Moran (2023) ressalta que metodologias colaborativas e interdisciplinares favorecem uma aprendizagem mais significativa, aproximando os conteúdos escolares das situações reais vivenciadas pelos alunos.

Dinâmica da Sala de Aula e Gestão de Conflitos

Administrar uma sala de aula envolve muito mais do que a transmissão de conteúdos curriculares. Trata-se de gerir relações humanas, emoções e interações que influenciam diretamente o processo de

ensino e aprendizagem. Nesse sentido, Vasconcellos (2019) afirma que a gestão da sala de aula requer competências relacionadas à liderança, organização, comunicação e resolução de conflitos.

Quando surgem desentendimentos entre alunos, a mediação realizada pelo professor torna-se fundamental para restaurar o diálogo e promover a convivência harmoniosa. A escuta ativa e o acolhimento das diferentes perspectivas favorecem a construção de soluções coletivas e o desenvolvimento de competências socioemocionais. Conforme Tognetta e Vinha (2021), a mediação de conflitos constitui uma importante ferramenta pedagógica para a construção de relações mais respeitosas e democráticas no ambiente escolar.

Além disso, a criação de um clima escolar positivo contribui significativamente para a prevenção de conflitos. O estabelecimento de regras construídas coletivamente e o incentivo ao trabalho cooperativo fortalecem o sentimento de pertencimento e responsabilidade entre os estudantes. Segundo Abramovay (2022), ambientes escolares pautados na participação e no respeito mútuo apresentam melhores condições para o desenvolvimento acadêmico e social dos alunos.

A Interação com Colegas e Direção

A interação entre professores, equipe gestora e demais profissionais da educação é essencial para a construção de uma escola democrática e participativa. O diálogo constante favorece a troca de experiências, a resolução de problemas e a elaboração de estratégias pedagógicas mais eficazes.

Segundo Paro (2020), a gestão democrática pressupõe a participação efetiva de todos os segmentos da comunidade escolar nos processos decisórios, fortalecendo o compromisso coletivo com a educação. Dessa forma, a comunicação entre professores e direção deixa de ser meramente administrativa para tornar-se uma prática colaborativa voltada ao aperfeiçoamento do trabalho pedagógico.

A Contribuição para um Ambiente Escolar Positivo

No contexto escolar, o professor exerce papel fundamental na construção de um ambiente acolhedor, inclusivo e respeitoso. Suas atitudes influenciam diretamente a formação ética e cidadã dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento de valores como empatia, solidariedade e respeito às diferenças.

A promoção da inclusão requer o reconhecimento da diversidade presente na escola e a adoção de estratégias pedagógicas que garantam a participação de todos os alunos. Conforme Mantoan (2021), a educação inclusiva deve assegurar oportunidades de aprendizagem que respeitem as singularidades de cada estudante.

Além disso, a postura ética do professor constitui uma referência importante para os educandos. Tardif (2023) destaca que os saberes docentes não se limitam ao domínio dos conteúdos, mas abrangem valores, atitudes e experiências que orientam a prática profissional.

A construção de um ambiente escolar positivo depende da atuação conjunta de professores, estudantes, famílias e equipe gestora. Conforme aponta a UNESCO (2023), escolas que promovem relações pautadas no respeito, na participação e na inclusão apresentam melhores resultados educacionais e contribuem para a formação de cidadãos mais conscientes e comprometidos com a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 78. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2022.

LÜCK, Heloísa. Gestão educacional: uma questão paradigmática. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?. 3. ed. São Paulo: Summus, 2021.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma educação inovadora. Porto Alegre: Penso, 2023.

PARO, Vitor Henrique. Gestão democrática da escola pública. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2020.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2023.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. Conflitos na escola: modos de transformar. Campinas: Mercado de Letras, 2021.

ABRAMOVAY, Miriam. Clima escolar e convivência democrática. Brasília: UNESCO, 2022.

UNESCO. Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação. Paris: UNESCO, 2023.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 23. ed. São Paulo: Libertad, 2019.

Capítulo 3

10.37423/260611027

O COMPORTAMENTO DO PROFESSOR NA RELAÇÃO COM OS ALUNOS

ADEMARIO AMANCIO DA SILVA	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
NAYARA DE OLIVEIRA CHAGAS SANTOS	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
THALLITA HAIANE NOGUEIRA CARDOSO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
TATIANA MARIA PEREIRA	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
EDJANE AURELIANO VIEIRA	*UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO*
ALINE MARIA DOS SANTOS SOARES	*UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO*
ANA BEATRIZ LINS ARAGÃO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
GISELE VIDAL DE NEGREIROS	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
RENATA BARBOZA DO NASCIMENTO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
FELIPE MIRANDA RODRIGUES	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*

CAPÍTULO 3: O COMPORTAMENTO DO PROFESSOR NA RELAÇÃO COM OS ALUNOS

A Importância do Vínculo Professor-Aluno

O vínculo que se forma entre professor e aluno é uma das alavancas mais potentes para a transformação do ambiente escolar e para o desenvolvimento pessoal de cada estudante. Essa relação, construída por meio da confiança, do respeito e da empatia, constitui um dos pilares do processo educativo. Segundo Freire (2021), a educação é um ato dialógico que exige a construção de relações humanas pautadas no respeito mútuo e na valorização do sujeito.

Quando um aluno percebe que seu professor demonstra interesse genuíno por sua aprendizagem e bem-estar, tende a apresentar maior engajamento, participação e motivação nas atividades escolares. Tardif (2023) destaca que os saberes docentes não se restringem ao domínio dos conteúdos, mas envolvem também competências relacionais e afetivas que influenciam diretamente o desenvolvimento dos estudantes.

A escuta ativa constitui uma ferramenta fundamental nesse processo. Ao ouvir atentamente os estudantes, o professor fortalece os vínculos interpessoais e promove um ambiente de segurança emocional. De acordo com Rogers (2021), relações educativas baseadas na empatia favorecem o crescimento pessoal e a construção da autonomia dos aprendizes.

Além disso, a validação das emoções dos alunos contribui para o fortalecimento da autoestima e do sentimento de pertencimento. Conforme Goleman (2022), o desenvolvimento da inteligência emocional está diretamente associado à capacidade de reconhecer, compreender e lidar adequadamente com emoções próprias e alheias.

Estilos de Interação e Métodos de Ensino

O estilo de interação adotado pelo professor exerce influência significativa sobre a aprendizagem dos estudantes. Atualmente, metodologias ativas vêm ganhando destaque por promoverem maior protagonismo discente e participação efetiva no processo de construção do conhecimento.

A aprendizagem colaborativa, por exemplo, favorece o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais, estimulando a cooperação e a resolução conjunta de problemas. Segundo Moran

(2023), metodologias que colocam o estudante no centro do processo educativo ampliam o engajamento e tornam a aprendizagem mais significativa.

Entre as estratégias mais utilizadas destaca-se a sala de aula invertida, metodologia em que os conteúdos introdutórios são estudados previamente pelos alunos, permitindo que o tempo em sala seja dedicado à resolução de problemas, debates e aprofundamento conceitual. Bergmann e Sams (2021) afirmam que essa abordagem fortalece a autonomia e favorece a personalização da aprendizagem.

A prática reflexiva também merece destaque. Ao incentivar momentos de reflexão sobre o próprio aprendizado, o professor contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e da metacognição. Conforme Schön (2022), a reflexão sobre a prática é essencial para a construção do conhecimento e para o aperfeiçoamento contínuo da aprendizagem.

Feedback Eficaz e a Percepção do Aluno

O feedback é considerado uma das estratégias pedagógicas de maior impacto sobre o desempenho acadêmico dos estudantes. Sua eficácia está relacionada não apenas ao conteúdo da devolutiva, mas também à forma como ela é comunicada.

Segundo Hattie (2023), o feedback formativo está entre os fatores que mais influenciam positivamente a aprendizagem, pois permite que o aluno compreenda seus avanços, identifique dificuldades e desenvolva estratégias para superá-las.

Ao reconhecer conquistas e orientar melhorias de forma construtiva, o professor fortalece a motivação e a autoestima dos estudantes. Luckesi (2021) ressalta que a avaliação deve assumir caráter formativo, servindo como instrumento de crescimento e não apenas de classificação.

Além disso, o feedback deve promover a reflexão e a autonomia do estudante. Comentários que estimulam a análise crítica das próprias ações favorecem a aprendizagem significativa e o desenvolvimento da autorregulação.

Criando um Ambiente de Respeito e Inclusão

A construção de uma sala de aula inclusiva exige o reconhecimento da diversidade como elemento constitutivo do processo educativo. Nesse contexto, o professor desempenha papel fundamental na promoção de práticas pedagógicas que valorizem as diferenças e garantam oportunidades de aprendizagem para todos.

Segundo Mantoan (2021), a educação inclusiva pressupõe a reorganização das práticas escolares para atender às necessidades de todos os estudantes, respeitando suas singularidades e potencialidades.

A valorização das diferentes culturas, experiências e identidades contribui para a formação de um ambiente escolar democrático. Candau (2022) destaca que o reconhecimento da diversidade cultural fortalece os processos de inclusão e combate práticas discriminatórias no contexto educacional.

Além disso, o professor atua como modelo de comportamento ético e respeitoso. Suas atitudes influenciam diretamente as relações estabelecidas entre os estudantes. Para Nóvoa (2023), o educador exerce papel central na formação humana, sendo referência para a construção de valores, atitudes e competências sociais.

Portanto, a promoção de ambientes inclusivos e respeitosos não se limita à adoção de estratégias pedagógicas específicas. Trata-se da construção permanente de uma cultura escolar baseada no diálogo, na empatia e no respeito às diferenças, elementos indispensáveis para a formação integral dos estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem. Rio de Janeiro: LTC, 2021.

CANDAU, Vera Maria. Educação intercultural e cotidiano escolar. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 78. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2022.

HATTIE, John. Aprendizagem visível para professores. Porto Alegre: Penso, 2023.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?. 3. ed. São Paulo: Summus, 2021.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma educação inovadora. Porto Alegre: Penso, 2023.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 2023.

ROGERS, Carl. Tornar-se pessoa. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2021.

SCHÖN, Donald. Educando o profissional reflexivo. Porto Alegre: Artmed, 2022.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2023.

Capítulo 4

10.37423/260611028

A INTERAÇÃO COM OS PAIS E A COMUNIDADE

ADEMARIO AMANCIO DA SILVA	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
NAYARA DE OLIVEIRA CHAGAS SANTOS	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
THALLITA HAIANE NOGUEIRA CARDOSO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
TATIANA MARIA PEREIRA	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
EDJANE AURELIANO VIEIRA	*UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO*
ALINE MARIA DOS SANTOS SOARES	*UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO*
ANA BEATRIZ LINS ARAGÃO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
GISELE VIDAL DE NEGREIROS	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
RENATA BARBOZA DO NASCIMENTO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
FELIPE MIRANDA RODRIGUES	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*

CAPÍTULO 4: A INTERAÇÃO COM OS PAIS E A COMUNIDADE

Se há um elemento que se destaca na jornada educacional, esse é a parceria entre a escola e a família. Quando pensamos na educação, logo nos vem à mente a figura do professor em sala de aula, mas a verdade é que o apoio familiar é um pilar de sustentação essencial para o desenvolvimento acadêmico e emocional dos alunos. A presença ativa dos pais na vida escolar não apenas amplia as oportunidades de aprendizagem, mas também estabelece um ambiente de apoio que propicia a floresta de desafios que os jovens enfrentam. A história da professora Renata é um exemplo marcante do impacto dessa parceria. Ela sempre acreditou que a comunicação clara e aberta com os pais de seus alunos faria a diferença. No início do ano letivo, decidiu implementar um evento chamado "Manhã de Diálogo", onde os pais eram convidados a conhecer a escola, preencher formulários de interesse e compartilhar suas expectativas. O resultado? Uma sala de aula onde as famílias se tornaram parceiras ativas, criando um espaço onde o aprendizado transcendeu as quatro paredes da sala. Alunos que antes se sentiam isolados começaram a expressar suas ideias e emoções, inspirados pela conexão que passaram a sentir com suas famílias e a escola.

Além de eventos específicos, a comunicação regular é vital. A professora Beatriz utilizava boletins informativos onde compartilhava tanto as atividades e conquistas dos alunos, quanto dicas práticas para os pais incentivarem o estudo em casa. Essa troca constante não só mantinha os pais informados, mas também os engajava, fazendo-os sentir-se parte integral do processo educativo. Quando um pai responde a um boletim com uma pergunta ou compartilha um livro que leu com o filho, uma ponte de diálogo é criada. E é através desse diálogo que constrói-se a confiança. As dinâmicas informais também provam ser eficazes na construção dessa parceria. Redes sociais, memorial de eventos e até mesmo um grupo de WhatsApp podem servir como canais de comunicação rápida e acessível. O exemplo do grupo de WhatsApp criado na escola do professor Lucas é digno de nota. Lá, tanto os pais quanto os educadores trocavam mensagens que iam desde lembretes de eventos até compartilhamentos de recursos didáticos. Essa simplicidade no contato transformou a percepção dos pais sobre a escola, pois ao se sentirem mais próximos do cotidiano escolar, perderam gradativamente o receio de se envolver. Era um ambiente onde cada pai ou mãe sabia que suas preocupações e sugestões eram bem-vindas.

Portanto, a construção da parceria entre escola e família requer um esforço conjunto para que essa relação frutífera floresça. É um cultivo diário de diálogo, compreensão e respeito mútuo. Ao fazer dos pais aliados e participantes ativos na educação de seus filhos, o professor abre portas que permitem a construção de um ambiente escolar mais acolhedor e eficaz. Essa sinergia, longe de ser uma responsabilidade exclusiva do docente, é uma proposta compartilhada que germina os frutos e oferece esperança não apenas para o sucesso dos alunos, mas para o fortalecimento da comunidade escolar como um todo. A partir desse entendimento, a educação se torna uma jornada conjunta, onde cada parente, aluno e educador desempenha um papel fundamental. Estratégias para envolver os pais na Vida Escolar. A comunicação eficaz é a pedra angular desta parceria fundamental entre a escola e as famílias. É crucial que os educadores desenvolvam estratégias de comunicação que não apenas informem, mas também incentivem a participação ativa dos pais. Uma técnica que vem se mostrando bastante frutífera é a formação de grupos de WhatsApp. Através desse canal, pais podem trocar experiências, dúvidas e informações rápidas sobre a rotina escolar. Imagine uma professora, a Sra. Alice, que criou um grupo onde são compartilhadas não apenas mensagens sobre deveres de casa, mas também dicas de leitura, curiosidades sobre temas em aula e até fotos das atividades em sala. Essa proximidade no diálogo promove um sentimento de pertencimento que ultrapassa as fronteiras da escola. Além disso, newsletters semanais também se mostram uma excelente ferramenta para manter os pais informados sobre eventos, conquistas e desafios enfrentados na escola. A Sra. Ana, por exemplo, envia um boletim com relatos das aulas, destaques de alunos que se sobressaíram e conselhos práticos para reforçar o aprendizado em casa. Essa prática não só conscientiza os pais sobre o que está acontecendo na escola, mas também os envolve no processo educativo, fazendo com que sintam que são parte ativa das conquistas do filho.

Outra maneira eficaz de promover o envolvimento dos pais é através de reuniões temáticas. Nesses encontros, os docentes podem abordar assuntos que interessem os pais, como novas metodologias de ensino ou dicas de como ajudar os filhos a organizar os estudos. A Professora Clara organizou um evento onde discutiu a importância da leitura e trouxe diversos recursos, como sugestões de livros e maneiras de torná-la mais atraente em casa. As famílias que participaram saíram com novas ideias, e o vínculo com a escola ficou ainda mais forte. Atividades escolares que promovem o envolvimento dos pais também são essenciais. As tradicionais feiras de ciências, por exemplo, podem ser expandida com a contribuição familiar. Os alunos, junto com seus pais, podem desenvolver projetos que representem experiências e conhecimento, fomentando um ambiente de aprendizado colaborativo. Imagine o

ambiente durante a feira, com famílias reunidas, discutindo suas criações e celebrando as vitórias dos jovens pesquisadores. É uma experiência que vai muito além do mero cumprimento de um currículo; preenchendo a sala com risadas e entusiasmo, unem não apenas as famílias, mas toda a comunidade escolar.

Porém, não basta apenas promover atividades e eventos. O feedback e a escuta ativa são elementos cruciais para solidificar essa interação. Os professores que se dispõem a ouvir as preocupações e sugestões dos pais conseguem moldar sua prática educativa de forma mais eficiente. Uma conversa aberta na qual pais podem expressar suas ansiedades sobre a educação de seus filhos ou sugerir melhorias é um passo significativo para o fortalecimento dessa parceria. Por exemplo, a Escola Nova que implementou um “Café com Pais” uma vez por mês, onde pais e professores se reúnem para dialogar informalmente. As interações nesse espaço trouxeram à tona situações que, até então, não eram discutidas e permitiram que toda a comunidade se sentisse ouvida. Esse ciclo de comunicação e escuta ativa não apenas fortalece a relação entre escola e família, mas também impacta diretamente no desenvolvimento dos alunos. Quando os pais sentem que suas vozes são valorizadas, eles se tornam mais propensos a se envolver nas atividades da escola, criando uma rede de apoio que beneficia todos os envolvidos. Portanto, ao unir esforços, escola e família formam uma verdadeira equipe que busca a excelência na educação, permitindo que cada aluno tenha a chance de brilhar em sua jornada de aprendizado.

A interação entre a escola e a comunidade extrapola o muro da instituição educativa e abrange um universo de possibilidades que podem transformar o processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, compreender o papel da comunidade vai muito além de uma simples parceria; é um convite a abrir as portas da escola e permitir que o conhecimento flua em ambas as direções. Este envolvimento não só enriquece a experiência educativa, como também fomenta um forte sentimento de pertencimento e responsabilidade compartilhada. Ao integrar a comunidade na educação, os educadores precisam explorar recursos e parcerias que, muitas vezes, estão mais próximos do que se imagina. Empreendimentos locais, ONGs e instituições religiosas podem se unir à escola para criar projetos que beneficiem tanto os alunos quanto a coletividade. Um exemplo marcante pode ser observado na história da Escola Verde, que fez uma parceria com uma ONG ambiental para desenvolver um projeto de sustentabilidade. Os alunos, sob a orientação de especialistas, plantaram árvores no bairro e aprenderam sobre a preservação ambiental. O engajamento da comunidade não se limitou apenas à escola — famílias, vizinhos e comerciantes se uniram a essa causa, promovendo

um sentimento de comunidade e colaboração. Estudos de caso mostram que escolas que envolvem sua comunidade em projetos educacionais frequentemente colhem resultados tangíveis que vão além da melhoria acadêmica. Ao permitir que os alunos interajam com profissionais de diversas áreas, como médicos, artistas e empresários locais, a educação se torna mais viva e pertinente.

O aprendizado ganha um propósito, fazendo com que os estudantes vejam a aplicação prática do que aprendem em sala de aula. Imagine uma turma de alunos de ciências que, ao colaborar com uma empresa local de tecnologia, é desafiada a desenvolver soluções inovadoras para problemas da vida real. Esse tipo de aprendizado prático não apenas enriquece a formação acadêmica, mas também prepara os alunos para os desafios do futuro. Além das parcerias institucionais, eventos comunitários funcionam como catalisadores de interação. Feiras culturais, mutirões de saúde e apresentações artísticas promovem um ambiente onde as famílias se sentem convidadas a participar ativamente e onde o espaço escolar se transforma em um espaço de socialização e aprendizado. Na escola da professora Ana, um evento anual chamado "Dia da Comunidade" não apenas celebra a cultura local, mas também envolve os alunos em atividades que promovem o aprendizado e a troca de experiências com os moradores do bairro. Este evento se transformou em um marco do calendário escolar, atraindo a participação de todos e reforçando os laços entre escola, alunos e comunidade. Uma abordagem inovadora que vale a pena mencionar é a criação de "Embaixadores da Comunidade", onde alunos são incentivados a se tornarem representantes de suas respectivas áreas, interagindo com moradores e promovendo iniciativas que atendam às necessidades do local. Essa prática não só afiança o senso de responsabilidade nos estudantes, como também desenvolve habilidades de liderança e comunicação que serão valiosas ao longo de suas vidas. Contudo, a integração da comunidade na educação não acontece sem desafios. É fundamental que os educadores estejam preparados para criar um espaço inclusivo, onde a diversidade de vozes e experiências é valorizada. Isso implica em abordar preconceitos e construir pontes entre as distintas realidades sociais presentes na comunidade escolar. A professora Maria, por exemplo, ao perceber a falta de engajamento de certos grupos em sua comunidade, organizou uma série de reuniões abertas, onde os membros poderiam expressar suas opiniões e inquietações. Essa iniciativa não só aumentou a participação como também trouxe à tona ideias valiosas que foram incorporadas à prática educativa, reforçando a importância da escuta ativa e do diálogo.

Portanto, ao integrar a comunidade na educação, estamos não apenas ampliando o alcance do aprendizado, mas cultivando um ambiente onde o conhecimento se transforma em um bem

coletivo. A experiência de aprendizado torna-se mais significativa, pois os alunos se veem conectados a um mundo maior, onde suas ações e decisões são influenciadas e reciprocadas pelas interações que conquistam fora da sala de aula. Essa jornada conjunta, onde escola e comunidade caminham lado a lado, é fundamental para moldar não apenas o futuro dos alunos, mas também a própria estrutura social que os cerca, promovendo um desenvolvimento humano mais completo e integrado. Desafios e Soluções na Relação com Pais e Comunidade

A interação entre a escola e as famílias, embora vital, não é isenta de obstáculos. Muitos professores enfrentam dificuldades como a falta de tempo dos pais, diferenças culturais e até mesmo o desinteresse de alguns em participar das atividades escolares. É fundamental reconhecer esses desafios para que, juntos, possamos encontrar soluções eficazes que promovam a inclusão efetiva dos pais e da comunidade na educação dos alunos. Um dos empecilhos mais comuns é a dificuldade de coordenação entre as agendas escolares e as rotinas familiares. Pais que trabalham em turnos variados ou que lidam com múltiplas responsabilidades podem se sentir sobrecarregados e, consequentemente, distantes das atividades escolares. No entanto, ao adotar uma abordagem compreensiva, os educadores podem criar oportunidades que facilitem essa participação. A professora Tatiane, por exemplo, reprogramou as reuniões de pais para horários mais flexíveis, incluindo opções noturnas e fins de semana. Essa simples mudança fez com que a participação aumentasse, e muitos pais passaram a se sentir mais integrados ao cotidiano escolar. Outro desafio significativo é o preconceito cultural que pode surgir nas interações entre algumas famílias e a escola. É essencial que os educadores busquem entender as diversas realidades que compõem sua turma, promovendo um ambiente onde a diversidade não apenas é respeitada, mas celebrada. Para lidar com isso, a professora Lúcia organizou um workshop cultural em que os pais eram convidados a compartilhar suas tradições e histórias. Essa atividade não só fortaleceu os laços entre a escola e a comunidade, mas também instigou conversas significativas sobre como as diferenças contribuem para um ambiente de aprendizado mais rico e plural.

A construção de um diálogo aberto e honesto é crucial para resolver desavenças. Quando um desentendimento surge, seja a respeito de expectativas acadêmicas ou comportamentais, o professor que se dispõe a ouvir pacientemente, sem julgamentos, pode fazer toda a diferença. A professora Renata já se deparou com pais que estavam insatisfeitos com a forma como seus filhos eram tratados. Em vez de se sentir ameaçada, ela organizou uma reunião com os responsáveis, onde pôde compartilhar suas intenções e ouvir as preocupações deles. Esse tipo de transparência geralmente

resulta em uma recuperação mútua, onde tanto a relação docente-paciente quanto a professor-família saem enriquecidas. Ainda, o interesse dos pais pode muitas vezes estar ligado a barreiras emocionais, como a insegurança sobre sua própria educação.

Quando um pai ou mãe se sente incapaz de ajudar nos estudos, pode optar por permanecer à margem. Assim, estratégias que visam empoderar os pais, oferecendo orientação sobre como apoiar seus filhos em casa, são de extrema importância. A professora Mariana lançou um programa de formação para pais que abrange técnicas de apoio ao aprendizado, simplesmente ajudando-os a entender como conseguir que as crianças se sintam motivadas a estudar. Por fim, construir um futuro colaborativo entre escola, pais e comunidade depende de uma atitude resiliente dos educadores. A promoção de um ambiente onde cada voz é ouvida e valoriza será sempre um passo na direção certa. Os esforços contínuos para reduzir barreiras e encontrar soluções práticas aumentarão a probabilidade de que essas relações prosperem. Afinal, a educação é um esforço coletivo, e é através da união — entre escola, famílias e comunidade — que poderemos cultivar a árvore do conhecimento, fazendo florescer em cada aluno a possibilidade de um aprendizado significativo e transformador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2018.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Educação e direito à educação no Brasil. São Paulo: Cortez, 2022.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 78. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e gestão da escola: teoria e prática. 6. ed. Goiânia: Alternativa, 2022.

LÜCK, Heloísa. Gestão educacional: uma questão paradigmática. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma educação inovadora. Porto Alegre: Penso, 2023.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 2023.

PARO, Vitor Henrique. Gestão democrática da escola pública. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2020.

UNESCO. Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação. Paris: UNESCO, 2023.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. 31. ed. Campinas: Papirus, 2022.

Capítulo 5

10.37423/260611029

A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR

ADEMARIO AMANCIO DA SILVA — *UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*

NAYARA DE OLIVEIRA CHAGAS SANTOS — *UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*

THALLITA HAIANE NOGUEIRA CARDOSO — *UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*

TATIANA MARIA PEREIRA — *UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*

EDJANE AURELIANO VIEIRA — *UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO*

ALINE MARIA DOS SANTOS SOARES — *UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO*

ANA BEATRIZ LINS ARAGÃO — *UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*

GISELE VIDAL DE NEGREIROS — *UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*

RENATA BARBOZA DO NASCIMENTO — *UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*

FELIPE MIRANDA RODRIGUES — *UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*

CAPÍTULO 5: A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR

Em um cenário educacional que se transforma a passos largos, a formação contínua dos docentes se apresenta como um imperativo que não podemos ignorar. O mundo ao nosso redor muda incessantemente — novas tecnologias, diferentes abordagens pedagógicas e uma diversidade crescente entre os alunos exigem que os professores estejam sempre atualizados, prontos para gerar uma educação que realmente atenda às complexas necessidades de suas turmas. É como se cada novo dia trouxesse consigo um novo desafio, e aqueles que não se preparam para enfrentá-los podem se ver à deriva, incapazes de oferecer o que seus alunos realmente precisam. A evolução das práticas pedagógicas não é uma mera tendência passageira; é um movimento profundo que solicita do educador uma reflexão constante sobre suas metodologias e o impacto delas no aprendizado. Quando observamos sala de aula, percebemos que o ensino tradicional já não se encaixa mais nas expectativas de uma geração que cresce cercada de conhecimento a um clique de distância. Os alunos de hoje são mais colaborativos, mais críticos e, talvez, mais exigentes quanto à relevância do que aprendem.

Dessa forma, a formação contínua se torna não apenas um diferencial, mas uma necessidade que pode decidir se um estudante se envolve ou não no processo educativo. E as consequências da falta de formação são alarmantes. Professores despreparados, que não se sentem seguros em aplicar novas estratégias ou tecnologias, acabam por transmitir insegurança e desinteresse aos alunos. Esse ciclo vicioso pode levar a um ambiente escolar estagnado, onde a criatividade e a curiosidade dos estudantes não encontram espaço para florescer. Imagine uma turma que, diante de uma atividade estimulante, simplesmente desvia o olhar, entediada. Essa visão não deve ser a realidade que queremos construir. Pelas mãos dos educadores, deve-se cultivar o desejo de aprender, acender a chama do conhecimento que arde dentro de cada aluno. Assim, a formação contínua representa não apenas uma atualização técnica, mas uma oportunidade de renovação pessoal e profissional. Cada curso, cada workshop oferece não apenas novos conteúdos, mas a chance de refletir sobre o que se faz em sala de aula, de ver o ensino sob uma nova perspectiva, de criar conexões com outros educadores e de compartilhar vivências que enriquecem e transformam nossas práticas. E essa atualização cria um ambiente fértil para inovações pedagógicas, onde novas ideias brotam e se desenvolvem, beneficiando não só os alunos, mas também a comunidade escolar como um todo.

Portanto, a formação continuada não pode ser vista como uma obrigação pesada, mas sim como um convite constante ao crescimento. Ao nos engajarmos com essa proposta, estamos investindo em nossas carreiras, em nossa própria identidade como educadores e, acima de tudo, na formação de cidadãos mais críticos e conscientes, prontos para os desafios de um mundo em mutação. Neste contexto, a reflexão que nos cabe é: como podemos nos tornar versões melhores de nós mesmos por meio da educação e da constante busca por conhecimento?

Tipos de Formação e Suporte Disponível. A formação continuada do professor deve ir além de uma mera formalidade; ela é um caminho repleto de possibilidades que se desdobram em diferentes modalidades de capacitação. Cursos presenciais, principalmente em momentos que oferecem interação real e prática, têm um papel importante. O calor humano das trocas de experiências, que ocorre de forma mais rica em encontros físicos, muitas vezes resulta em diálogos transformadores e aprendizado profundo. No entanto, não podemos ignorar a versatilidade que os cursos online trazem; eles são uma solução prática, permitindo que educadores de diferentes localidades acessem conteúdos relevantes, mesmo com cronometragens ajustadas às suas rotinas frenéticas.

Paralelamente a essas opções, oficinas e grupos de estudos emergem como poderosas ferramentas de formação. Elas propõem um ambiente mais intimista, onde professores podem explorar temáticas específicas, discutir metodologias e, além disso, compartilhar dificuldades e sucessos. Na escola da professora Fabiana, essas oficinas tornaram-se um espaço sagrado de aprendizado — um local onde se celebra o ato de ensinar em todas as suas nuances, onde um educador pode se tornar mais do que um transmissor de conhecimento, mas um verdadeiro pesquisador de sua prática pedagógica. Ainda, as instituições e as secretarias de educação desempenham uma função crucial nesse processo. Ao promoverem programas de capacitação, essas entidades demonstram um compromisso com a valorização do corpo docente. A criação de redes de apoio e colaboração pode facilitar trocas significativas, permitindo que experiências de sucesso em uma escola sirvam de inspiração para outras. Exemplo inspirador é o programa de formação continuada que surgiu da parceria entre escolas municipais, onde docentes se reúnem mensalmente para compartilhar práticas e reflexões sobre suas realidades. Essa cooperação fortalece o profissional e humaniza a prática pedagógica.

As iniciativas de mentorias são outro recurso valioso. Imagine a história da educadora Renata, que desenvolveu um projeto onde professores mais experientes acompanharam os novatos. Não apenas uma troca de conhecimento; foi um espaço seguro de conversação e confiança, onde o erro foi aceito

como parte do processo de aprendizagem. Essa união de saberes impulsiona uma cultura de apoio mútuo, criando um forte laço entre gerações de educadores. Além de todas essas opções, cabe lembrar que a formação continuada é um processo que requer compromisso, dedicação e autocrítica. O desejo de se manter atualizado não deve ser imposto, mas surgido naturalmente da paixão por ensinar e a responsabilidade de querer sempre o melhor para os alunos. Assim, ao encarar a formação como uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional, abrimos portas para um futuro onde a educação seja um espaço sempre vibrante e suscetível a transformações positivas.

Por fim, é imperativo que os educadores se conscientizem de que a formação contínua não é apenas uma obrigação; é um legado que estamos construindo para as próximas gerações. Portanto, devemos cultivar a curiosidade, buscar novos desafios e, acima de tudo, responder à necessidade de inovar em nossas ações diárias. Dessa forma, cada maestro da educação pode continuar a compor harmonias que ressoarão para além das salas de aula, deixando um impacto duradouro nas vidas que toca. A educação não é um desafio que diz respeito apenas aos muros da escola; é uma empreitada coletiva que envolve a comunidade de forma direta e profunda. Assim, a participação ativa da comunidade na formação do professor se revela um componente essencial, capaz de enriquecer não apenas a trajetória profissional do educador, mas também a qualidade do ensino oferecido aos alunos. Quando as experiências vividas no contexto social e cultural se entrelaçam com as práticas pedagógicas, surge um ambiente de aprendizado mais coerente e significativo. Um exemplo muito inspirador pode ser visto na história da colaboração entre a Escola Municipal São José e a Universidade local, onde professores e alunos de pedagogia desenvolvem projetos conjuntos. Os universitários, que frequentemente buscam ampliar suas experiências práticas, são introduzidos no cotidiano escolar, onde atuam como assistentes de ensino. Essa troca não só proporciona aos estudantes universitários a vivência real de uma sala de aula, mas também traz novas ideias e metodologias que podem ser utilizadas pelos professores em seu cotidiano. A vivência prática agrega um valor inestimável às lições teóricas aprendidas nas universidades, e ambos os lados saem beneficiados.

Além disso, a colaboração com empresas locais também tem mostrado resultados valiosos na formação de educadores. Na cidade de Araraquara, uma parceria foi estabelecida entre escolas e uma rede de tecnologia para a educação, que disponibilizou recursos diversos para formação continuada dos docentes. Ao participar de workshops práticos, os professores tiveram acesso a novas ferramentas e software educacionais, aprendendo como integrá-los ao seu currículo. Essa união não apenas resultou em aulas mais dinâmicas, mas também revelou-se como um trunfo para aumentar a

motivação dos alunos. A sensação de estar imerso em um mundo digital, rodeada por ferramentas que são parte do cotidiano dos estudantes, trouxe um novo ânimo à prática docente. Depoimentos de educadores que participaram de iniciativas semelhantes são eloquentes. A professora Vera, da Escola João XXIII, compartilhou como um programa de formação que envolveu a participação da comunidade local transformou sua perspectiva de ensino: “Ter a garantia de que posso contar com a troca de experiências de diferentes pessoas, estudantes de diferentes idades e até mesmo pais preocupados, fez com que eu me sentisse mais conectada ao que verdadeiramente importa na educação. É muito mais que ensinar matérias; é promover o desenvolvimento integral.” Outros relatos compõem um mosaico impressionante de histórias, como a do professor Marcos da Escola Sol Nascente, que viu seus alunos engajados na criação de um evento que integrava a comunidade escolar a projetos de responsabilidade social. Essa atividade, que congregou pais, alunos e membros da comunidade, resultou em um aprendizado coletivo, onde todos se tornaram provedores e beneficiários do conhecimento versátil que circulava pela escola. Entretanto, para que essas parcerias se estabeleçam e aprofundem, é essencial que os educadores mantenham uma atitude de abertura e acolhimento. Atos simples, como convidar membros da comunidade a participar de reuniões e eventos, ou mesmo propor atividades que estimulem a participação dos pais, são passos crucialmente importantes nessa direção. A escola deve ser vista como um espaço de diálogo entre o que se aprende em casa, no trabalho e nas ruas. Em suma, a influência da comunidade na formação do professor se traduz em riqueza de experiências, ampliando horizontes e estabelecendo uma base robusta para uma nova cultura educacional. Aquela visão tradicional de que a sala de aula é um espaço isolado e estanque está em desuso.

Promover esse intercâmbio não apenas fortalece o vínculo educativo entre professores e alunos, mas também transforma a educação em um fenômeno verdadeiramente social, onde cada voz tem um papel a desempenhar. É uma dança criada por todos, onde cada passo dado reverbera nas gerações futuras, reafirmando o valor da educação como um espaço coletivo e integrado. Refletir sobre nossa trajetória de formação é um passo crucial para avançar na carreira docente. Cada educador carrega consigo uma bagagem única de experiências, aprendizados e até frustrações que, quando devidamente analisadas, podem transformar-se em valiosas lições. Uma reflexão honesta sobre o que funcionou e o que não deu certo pode direcionar as escolhas futuras e permitir um desenvolvimento contínuo e efetivo. Como podemos, então, adaptar nossas rotinas de formação às necessidades reais que estamos enfrentando em nossa profissão? Entretanto, os desafios que surgem na busca pela formação

continuada são palpáveis e exigem uma abordagem criativa. Muitas vezes, a falta de tempo e recursos se tornam barreiras significativas. O dia a dia do professor é repleto de obrigações — desde o planejamento das aulas até o acompanhamento das atividades dos alunos. Como encontrar espaço para novos aprendizados em meio a essa correria constante? Uma solução viável é a utilização da tecnologia como aliada. As formações online oferecem a flexibilidade necessária para que os professores possam se atualizar em horários que se encaixem em suas rotinas. Webinários, cursos em videoaulas e fóruns de discussão proporcionam a oportunidade de aprender e interagir sem precisar sair de casa.

No entanto, essa nova abordagem traz consigo um desafio: a necessidade de autogerenciamento. É fundamental que o professor se comprometa a dedicar um tempo específico para sua formação. Sem disciplina, mesmo as melhores opções de aprendizado podem se tornar apenas uma ideia no papel. O apoio mútuo entre colegas é outra estratégia poderosa para superar essas dificuldades. Quando os professores se unem para discutir ideias, trocar experiências e até mesmo compartilhar materiais didáticos, criam um ciclo de aprendizado colaborativo que pode resultar em um impacto significativo na prática pedagógica. Imagine, por exemplo, um grupo de professores que se reúne mensalmente para discutir novos métodos de ensino — essa troca não apenas enriquece cada um individualmente, mas também fortalece a prática coletiva da escola. Ainda temos que lidar com o temor e a insegurança que podem surgir ao buscar novas formas de aprendizagem. Muitas vezes, um educador pode sentir que a mudança é arriscada ou que novas metodologias podem não se encaixar bem nos padrões estabelecidos. No entanto, é vital lembrar que a formação contínua é um convite à experimentação. O erro deve ser encarado como um passo natural do aprendizado, não como um fracasso. A coragem de errar e aprender com isso deve ser incentivada, criando um ambiente onde a inovação se torna parte da cultura escolar. Além disso, as instituições educacionais têm um papel fundamental nesse processo. Elas podem promover um ambiente que valorize e reconheça o esforço dos educadores em se aperfeiçoar. Programas de incentivo, como bolsas para cursos de especialização ou o reconhecimento público de iniciativas de formação continuada, podem reforçar a importância de investir no desenvolvimento profissional. Quando a escola apoia e valoriza a formação, cria-se um ciclo virtuoso onde todos se beneficiam.

Por fim, é preciso cultivar a paixão pela educação como motor de nossa busca por evolução. Quando fazemos da formação continuada uma oportunidade de crescimento pessoal e não apenas uma obrigação, abrimos as portas para um desenvolvimento contínuo e apaixonado por nossa prática

educativa. Neste caminho de evolução, será possível não só aprimorar nossas habilidades, mas também impactar positivamente a vida de nossos alunos, preparando-os para se tornarem cidadãos críticos e agentes de transformação em suas próprias comunidades. Reflitamos, então, sobre como cada passo que damos na busca por conhecimento é, na verdade, um passo dado em direção a um futuro brilhante e repleto de possibilidades. Que essa jornada nunca termine, mas, sim, nos leve a novas terras de aprendizado e crescimento.

Capítulo 6

10.37423/260711116

O PROFESSOR FORA DA ESCOLA

ADEMARIO AMANCIO DA SILVA	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
NAYARA DE OLIVEIRA CHAGAS SANTOS	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
THALLITA HAIANE NOGUEIRA CARDOSO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
TATIANA MARIA PEREIRA	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
EDJANE AURELIANO VIEIRA	*UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO*
ALINE MARIA DOS SANTOS SOARES	*UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO*
ANA BEATRIZ LINS ARAGÃO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
GISELE VIDAL DE NEGREIROS	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
RENATA BARBOZA DO NASCIMENTO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
FELIPE MIRANDA RODRIGUES	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*

CAPÍTULO 6: O PROFESSOR FORA DA ESCOLA

Viver na pele de um educador é experimentar uma constante dança entre mundos — o que acontece dentro da sala de aula e as inúmeras ramificações que nossa vida pessoal traz. O professor vai além do ato de lecionar; ele se transforma em um construtor de identidades, em alguém que, dia após dia, carrega em suas costas a responsabilidade de guiar vidas, moldar sonhos e, muitas vezes, inspirar os próprios alunos a buscarem um futuro repleto de possibilidades. Contudo, essa realidade carrega consigo o peso da dualidade, uma tensão entre a vocação e as várias versões que o educador pode assumir fora dos muros da escola. Para muitos, o papel de professor não se restringe a entregar conteúdos ou aplicar avaliações. Ele se desdobra em uma gama rica de funções: mentor, orientador, amigo e, em algumas situações, até mesmo conselheiro.

Quando o sino do intervalo toca, o educador ainda carrega com ele as histórias dos alunos, as suas angústias, sorrisos e promessas de um novo dia. Assim, ao cruzar a porta da escola, muitos professores se veem entrelaçados em uma rede de expectativas que os acompanha, mas também podem encontrar o espaço necessário para resgatar sua individualidade, para se reconectar com paixões e interesses que permanecem em segundo plano. O professor Paulo, por exemplo, solta um leve sorriso ao lembrar da sua avó que lhe ensinou a cultivar um jardim na infância. Agora, depois do expediente escolar, ele se transforma em um jardineiro dedicado, utilizando aquele espaço como uma forma de desconectar-se dos desafios diários. As flores, que brotam sob seu cuidado, se tornam como os alunos: cada uma com seus próprios desejos e necessidades. O que muitos não percebem é que essas experiências pessoais adquirem um valor significativo no contexto educacional. Quando Paulo retorna à sala de aula, a alegria de cuidar do jardim se reflete em suas aulas, despertando o interesse e a curiosidade de seus alunos. Entender como outras dimensões da vida se entrelaçam com a prática educativa é vital. A professora Clara, apaixonada pela dança, inscreveu-se em um curso de balé. O que parecia inicialmente uma válvula de escape, logo se transformou em um meio de apurar sua sensibilidade e criatividade. Seus alunos, agora, têm a oportunidade de entrar em um mundo lúdico, onde as histórias são contadas através do movimento. Comunicar-se com eles sobre os sentimentos que emergem nas apresentações, sobre o entrelaçar do corpo com a arte, permitiu à educadora não apenas promover disciplinas, mas também encorajar sentimentos e reflexões valiosas. Seguir esta

dupla jornada — a do educador que precisa atender às demandas da aula e a do ser humano que também busca autoconhecimento e realização — pode se mostrar desafiador. Há, em muitos momentos, a dúvida sobre o equilíbrio entre o que se espera e o que se deseja. Como encontrar tempo? Onde estão aqueles momentos de desconexão? Essa reflexão torna-se ainda mais urgente frente às cobranças constantes da profissão. No entanto, vida e carreira não precisam ser estranhas uma à outra.

Por fim, é fundamental que os educadores compreendam que essa complexidade não é um peso a ser carregado, mas uma oportunidade. A forma como abraçamos e geramos significado em nossas vidas fora da escola pode, em última instância, afetar a qualidade educacional que oferecemos aos nossos alunos. Portanto, ao olharmos para dentro e reconhecermos as várias facetas que nós, professores, habitamos, transformamos essa dualidade em riqueza. Em cada novo passo fora da sala de aula, encontramos o retorno para dentro dela, prontos para inspirar outras histórias e florescer juntos. Em um mundo onde a educação muitas vezes se torna a única faceta da vida do professor, é vital lembrar que cada educador carrega consigo um leque de interesses e habilidades que vão muito além dos muros da escola. Essas práticas pessoais, quando exploradas, não apenas trazem satisfação individual, mas também enriquecem a experiência de ensino, transbordando em sala de aula sob a forma de novas perspectivas e abordagens criativas. Muitos educadores, como a professora Ana, descobrem em atividades extracurriculares uma maneira de reabastecer suas energias e trazer um frescor para o ambiente escolar. Ana, que se dedica ao violão, encontrou na música uma terapia poderosa. Ao compartilhar suas canções com os alunos, não apenas promove momentos de descontração, mas também utiliza a música como uma ferramenta pedagógica para discutir emoções e histórias, proporcionando contextos variados que ajudam a ensinar conteúdo curricular. "Na música, descobri que posso conectar com os alunos de uma forma que nunca imaginei", relatou Ana certa vez, iluminada ao lembrar das apresentações que realizavam juntos.

A prática esportiva também se mostra um forte aliado para muitos professores. O professor Ricardo, por exemplo, é apaixonado por futebol. Seus finais de semana são dedicados a treinar jovens em sua comunidade. Esse envolvimento não é apenas uma pausa das responsabilidades escolares; é um ponto de conexão com a turma. Quando Ricardo traz para a sala de aula as metáforas do esporte e as lições aprendidas no campo — como trabalho em equipe, resiliência e o respeitar o adversário — seus alunos se tornam mais receptivos e motivados. Ele percebe que esse vínculo proporciona um ambiente de aprendizado muito mais rico e dinâmico. "Os valores que transmitimos em campo definitivamente se

refletem no ambiente escolar", afirma com convicção. Além das atividades físicas e artísticas, o envolvimento em projetos de comunidade ou voluntariado emerge como uma experiência transformadora. Rosana, professora de História, se voluntaria em um projeto que recolhe roupas e alimentos para famílias necessitadas. Através dessa vivência, ela não só se torna uma agente de mudança social, mas também traz uma perspectiva humanizada para suas aulas. Ao falar sobre desigualdade ou injustiças sociais, Rosana tem um arsenal de experiências reais que proporciona um entendimento mais profundo e envolvente aos seus alunos. "Contar suas histórias em sala de aula torna o aprendizado significativo. Eles se identificam e percebem que a história que estudamos é vibrante e cheia de vida", explicou Rosana durante um dos seminários na escola.

As práticas pessoais concluídas fora da sala de aula não são apenas escapes ou hobbies, mas sim, catalisadores de inovação e relevância no ensino. Os educadores que exploram suas paixões e atividades extracurriculares têm a capacidade de oferecer um ensino que foca não apenas na teoria, mas nas experiências vividas. Essa abordagem não só humaniza o ato de ensinar, mas também transforma a forma como os alunos veem e se conectam com o conhecimento. 53Quem sou eu dentro e fora da escola? A realidade que se impõe é que, ao cultivarmos nossas paixões individuais, acrescentamos a cada dia uma nova camada sobre nossa identidade enquanto educadores, criando ferramentas que permitem que nossos alunos se identifiquem e se inspirem.

As práticas pessoais atuam como verdadeiros elos que fortalecem a ponte entre a vida fora da escola e as experiências de aprendizado dentro dela. Essa conexão, muitas vezes subestimada, revela um universo de possibilidades que floresce da combinação entre a vida pessoal e a laboriosa missão de ensinar, criando assim não apenas melhores educadores, mas também alunos mais engajados e apaixonados pelo conhecimento. A Imagem Social do Professor A percepção que a sociedade tem do professor em muito determina como esses educadores se veem fora da sala de aula. Isso se reflete não apenas na forma como se comportam, mas também na maneira como lidam com os desafios cotidianos. Vivemos em um mundo repleto de estereótipos e idealizações que moldam a imagem do educador. Por um lado, há a figura do professor como um herói, intocável, que dedica sua vida ao sacrifício em nome do conhecimento; por outro, existe o estigma de que são apenas funcionários públicos, resignados ao seu destino. A verdade é que nenhuma dessas representações captura a complexidade da profissão.

O educador é uma mistura de paixão e pragmatismo, de amor pelo ensino e também de desafios reais e tangíveis, que, com frequência, não são reconhecidos. Imagine a professora Sofia, que deveria ser uma fonte de inspiração, mas frequentemente se vê ignorada em contextos mais amplos da discussão pública sobre educação. Ela se pergunta: "A minha contribuição é valorizada? Meu esforço é reconhecido?" Essas inquietações são comuns e têm um impacto profundo em sua autoimagem e na energia que traz para o trabalho. Os estereótipos, além de prejudicarem a visão sobre a educação, podem agravar a insegurança do professor e minar sua autoconfiança. O educador que se encontra preso em uma identidade simplista pode não se sentir encorajado a inovar ou a se aprofundar em suas práticas. O medo de ser “apenas” um professor, sem o reconhecimento merecido por seu papel formativo, pode levar a uma diminuição da qualidade do ensino, afetando diretamente os alunos. Em contrapartida, atingiu-se um cenário onde, em algumas comunidades, iniciativas têm florescido, promovendo uma nova narrativa em relação ao professor. Eventos que coloquem os educadores em evidência, onde eles possam compartilhar experiências e conquistas, são fundamentais. Exemplo disso é o projeto "Educação em Foco", onde cada professor é convidado a apresentar metodologias inovadoras desenvolvidas por ele. Ao apresentar suas histórias, esses educadores têm a oportunidade de ressignificar suas imagens e, o mais importante, de conectar-se com a sociedade, mostrando que são muito mais do que meros transmissores de conteúdo.

Além disso, a representação positiva do professor também está ganhando espaço nas mídias. Campanhas que exaltam a união entre educadores e a comunidade, destacando sua contribuição para o desenvolvimento social, ajudam a romper preconceitos. Por exemplo, em um vídeo produzido por uma organização educacional, o professor Carlos é mostrado interagindo com alunos em um ambiente de aprendizado enriquecido. Ele fala não como um mero funcionário, mas como um pilar na construção da cidadania e do futuro de seus alunos. Essa nova abordagem reverbera na sociedade, promovendo um olhar mais respeitoso e acolhedor em relação à figura do educador. Mas, é necessário ressaltar que a construção dessa nova imagem é uma tarefa coletiva. Cada educador deve ser um agente ativo nessa mudança. Conversar com amigos, familiares e a comunidade sobre as múltiplas dimensões do papel docente pode ajudar a desconstruir visões limitantes. Organizar encontros entre professores e a comunidade, nos quais possam ser partilhadas histórias de sucesso e superação, pode desempenhar um papel essencial. A visibilidade trazida por tais experiências inceptiona um respeito e uma compreensão mais profundos do que significa ser professor. Consequentemente, a imagem social do professor não é apenas uma questão de percepção. É uma camada que se desdobra em uma complexa

malha de identidades que podem, em ultima análise, influenciar as ações, os comportamentos e o bem-estar do educador.

Ao revisitar essa imagem, os professores têm a chance não somente de se afirmar em suas identidades, mas, sobretudo, de transformar a própria convivência com a sociedade, criando sinergias que poderão enriquecer, ainda mais, o cenário educacional. No turbilhão da rotina escolar, é imprescindível dedicar um tempo para si mesmo. Essa pausa não é apenas um luxo; é uma necessidade vital que permite ao educador recarregar suas energias, afinar sua criatividade e preservar sua saúde mental. Nutrir a mente e o espírito é tão importante quanto o desenvolvimento acadêmico dos alunos. Quando um professor se compromete com seu autocuidado, ele não está apenas cuidando de si; ele está também potencializando o ambiente educativo, pois a energia positiva e o bem-estar refletem diretamente nas interações com os alunos. Existem várias práticas de autocuidado que podem ser incorporadas na vida diária de um educador. A meditação, por exemplo, oferece um momento de conexão consigo mesmo, promovendo o relaxamento e a claridade mental. Em suas conversas, o professor Carlos compartilha como a meditação diária lhe ensinou a lidar melhor com a ansiedade. “Quando me dou esse tempo, consigo processar melhor as emoções e me preparar para os desafios diários. É uma pausa que faz toda a diferença”, ele enfatiza, já que essa prática transformou sua abordagem em sala de aula, tornando-o um professor mais presente e focado.

Atividades físicas também desempenham um papel fundamental no bem-estar do professor. Caminhadas no parque, yoga ou até mesmo um treino intenso na academia podem ajudar a aliviar o estresse e incentivar um estilo de vida mais saudável. A professora Marta, por exemplo, começou a praticar corrida e, segundo ela, isso a impulsionou de formas que ela nunca imaginou. “Descobri que correr me faz pensar, e, mesmo longe da sala de aula, sinto que volto a ela renovada e cheia de ideias.” Essas atividades físicas não precisam ser complexas, mas devem ser regulares e prazerosas, proporcionando uma pausa necessária da rotina intensa. Além disso, encontrar um espaço para o lazer e os hobbies ajuda a cultivar a própria felicidade.

A leitura de livros, por exemplo, não se resume a um ato de consumo; é uma porta aberta para novas ideias. Professores que mergulham na literatura — sejam romances, poesias ou biografias — frequentemente trazem um novo frescor às aulas de seus alunos. O professor André partilhou que, após se envolver em clubes de leitura, suas discussões em sala de aula se tornaram ricas e instigantes, estimulando o pensar crítico entre seus alunos. “Ficamos todos mais interligados, e isso gera uma

atmosfera criativa", revelou animado. Para que essas práticas se mantenham vivas, o suporte mútuo entre educadores é essencial. Criar grupos de autocuidado nos quais os professores possam compartilhar experiências, técnicas e até desafios pessoais pode servir como uma rede de apoio fundamental. Esses grupos podem se transformar em espaços seguros, onde experiências vulneráveis podem ser exploradas sem medo de julgamento. A professora Luciana encontrou grande valor em um círculo de apoio, onde se encontrou com colegas não apenas para discutir sobre efeitos de técnicas de ensinamento, mas também sobre a importância da autoestima e do cuidado próprio.

Os programas e os grupos de suporte são ferramentas valiosas para os educadores explorarem suas paixões fora do ambiente escolar. Um exemplo notável é a iniciativa de uma escola local que instituiu um programa de "descompressão criativa" após as aulas. Este programa oferece uma variedade de workshops e atividades, desde pintura até jardinagem, para que os professores possam se reconectar com suas paixões e interesses. "Aqui nós encontramos um refúgio, um espaço para ser quem realmente somos, além dos crachás e dos livros didáticos", menciona a educadora Sara, que via no espaço uma forma de revitalizar seu candeeiro interno, trazendo uma renovação não apenas pessoal, mas também em suas práticas pedagógicas. Reconhecer a importância do autocuidado e do crescimento pessoal não deve ser visto como uma responsabilidade a mais, mas sim como um comprometimento com uma vida mais saudável e satisfatória — tanto para o professor quanto para seus alunos.

O tempo que o educador investe em si mesmo equivale a um investimento na qualidade da educação que ele oferece. Portanto, ao olharmos cada vez mais para a necessidade de um tempo para si, compreendemos que na arte de educar reside um precioso convite ao autoconhecimento e à evolução contínua como pessoas e profissionais. Ao promovermos essa reflexão, somos convidados a cruzar a linha que separa o indivíduo do educador, encontrando harmonia em todas as facetas que compõem nossas vidas. Que essa busca por crescimento nunca cesse, pois, em última instância, ela molda não apenas educadores, mas cidadãos e indivíduos mais completos e felizes.

Capítulo 7

10.37423/260711117

O PROFESSOR E AS TECNOLOGIAS

ADEMARIO AMANCIO DA SILVA	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
NAYARA DE OLIVEIRA CHAGAS SANTOS	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
THALLITA HAIANE NOGUEIRA CARDOSO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
TATIANA MARIA PEREIRA	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
EDJANE AURELIANO VIEIRA	*UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO*
ALINE MARIA DOS SANTOS SOARES	*UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO*
ANA BEATRIZ LINS ARAGÃO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
GISELE VIDAL DE NEGREIROS	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
RENATA BARBOZA DO NASCIMENTO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
FELIPE MIRANDA RODRIGUES	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*

CAPÍTULO 7: O PROFESSOR E AS TECNOLOGIAS

Nos últimos anos, o cenário educacional passou por transformações radicais impulsionadas pela revolução digital. As tecnologias emergentes deixaram de ser uma opção e se tornaram uma necessidade, remodelando de forma extraordinária a forma como ensinamos e aprendemos. Um estudo recente revelou que mais de 80% das escolas brasileiras agora utilizam alguma forma de tecnologia em sala de aula, refletindo um movimento crescente em direção à inovação e eficiência no ensino. Ao observar essa onda de digitalização, é fácil perceber como o acesso à informação tornou-se praticamente ilimitado. Ferramentas como plataformas de e-learning, videoconferências e recursos interativos têm o potencial de transcender as barreiras geográficas e temporais, permitindo que alunos de diferentes realidades sociais e locais se conectem a conteúdos e especializados de qualidade de maneira ágil.

Nesse sentido, a tecnologia não apenas complementa a educação, mas também a torna mais acessível e inclusiva, proporcionando uma multiplicidade de experiências de aprendizado. Entretanto, é importante ressaltar que essa revolução também traz aos educadores o desafio de se adaptarem a novas metodologias e ferramentas. Muitos professores sentem-se um pouco perdidos diante da rapidez das mudanças.

Imagine, por exemplo, Maria, que sempre lecionou utilizando livros didáticos tradicionais, agora de repente se vê em meio a aulas online, usando aplicativos e plataformas que exigem conhecimentos específicos. Essa transição não é apenas técnica; é um convite a uma reinvenção pessoal e profissional. Mas como esse novo ambiente se desdobra nas práticas educativas? A digitalização transforma a maneira como o conhecimento é transmitido. O ensino, que antes se resolvia em uma abordagem linear e unilateral — onde o professor era o único detentor do saber — agora flui em múltiplas direções.

Os alunos se tornam coautores de sua própria aprendizagem, podendo ceifar conteúdos diversos e engajarem-se ativamente na construção do conhecimento. Nesse novo cenário, a sala de aula se transforma em um espaço de troca e reflexão, onde tecnologias como realidade aumentada e gamificação se tornam aliadas fundamentais na explanação de temas complexos e na promoção do engajamento dos estudantes. A transformação no processo educativo é inegável e apresenta tanto

caminhos promissores quanto desafios que precisam ser enfrentados com coragem e determinação. É nesse contexto de constante evolução que o verdadeiro papel do professor emerge, não como um mero transmissor de informações, mas como um mediador, um guia, um orientador que auxilia seus alunos a navegarem por esse novo oceano de possibilidades digitais.

O professor, portanto, deve estar preparado não apenas para aprender a utilizar ferramentas tecnológicas, mas para conduzir seus alunos em uma jornada de exploração crítica e reflexiva sobre as informações que têm à disposição. Os dados são claros e, à medida que avançamos nesse novo capítulo da educação, cada professor, como Maria, deve se sentir incentivado a abraçar essa nova era, à medida que se educa e se adapta às demandas dessa revolução tecnológica. O futuro da educação está diretamente ligado à capacidade de cada educador de se tornar não apenas um consumidor de tecnologia, mas um hábil artesão que modela o conhecimento no ambiente digital.

A jornada é longa, e ao longo desse caminho encontramos um potencial vibrante que promete revolucionar não apenas nossas salas de aula, mas as vidas de nossos alunos para sempre. Ferramentas Tecnológicas no Ensino Ao embarcar na era digital, os educadores se deparam com uma infinidade de ferramentas tecnológicas que têm o potencial de revolucionar suas práticas pedagógicas. Desde plataformas de aprendizado online até softwares interativos, o arsenal de recursos disponíveis é vasto e promissor, proporcionando novas formas de engajamento e facilitação do aprendizado.

Um exemplo claro dessa transformação é a utilização de plataformas de e-learning, que oferecem aos alunos a oportunidade de acessar conteúdos a qualquer hora e em qualquer lugar. A professora Gabriela, que leciona matemática, começou a integrar a plataforma Kahoot! em suas aulas. Ela percebeu que a gamificação criava um ambiente mais dinâmico e divertido, onde os alunos se tornavam protagonistas ao resolverem questões de forma competitiva. "Os alunos ficam muito mais animados e aprendem sem perceber, porque se divertem!", compartilha a educadora, que notou um aumento significativo na participação e no desempenho da turma. Além da gamificação, a realidade aumentada (RA) surge como uma ferramenta que contribui para a vivência prática da aprendizagem. O professor Leandro, sempre em busca de inovação, adotou a RA para ensinar história. Em suas aulas, os alunos puderam "visitar" ruínas antigas e monumentos famosos, visualizando-os através de seus dispositivos móveis. "Ver as estruturas históricas em 3D torna tudo muito mais real.

A descontração e o envolvimento são evidentes", comenta Leandro, satisfeito com os resultados obtidos. Por outro lado, a introdução de tecnologia em sala de aula também apresenta desafios

significativos. Para muitos educadores, o tempo e a curva de aprendizado necessários para dominar novas ferramentas podem parecer intimidantes. A professora Isabel, que sempre utilizou métodos tradicionais, sentiu-se perdida ao pensar em apresentar tecnologias a seus alunos. "No começo, foi assustador. Mas conforme fui me familiarizando com as ferramentas, a insegurança foi dando lugar à empolgação", relata. Assim, a superação desse medo inicial é essencial para que o professor possa se converter em facilitador e mentor no universo digital. E é aqui que o papel do professor se destaca. Não mais apenas um transmissor de informações, mas um mediador do aprendizado. O educador deve estar disposto a aprender e, ao mesmo tempo, preparar os alunos para que adotem uma postura crítica diante de todas as informações que consomem.

A formação contínua se torna crucial nesse cenário, colocando o professor não em um pedestal, mas em um espaço de constante aprendizado e adaptação. Os cursos de formação e as oficinas práticas se revelam como instrumentos indispensáveis para que o educador tenha segurança tanto no uso das tecnologias quanto na orientação dos estudantes. A utilização de tecnologia na educação não é uma moda passageira, mas uma nova realidade que chegou para ficar. Ferramentas digitais estão integradas ao cotidiano e, se usadas de forma ética e consciente, podem abrir portas a uma nova dimensão de ensino e aprendizado. Com cada passo de adaptação, os professores têm a chance não só de evoluírem em sua prática docente, mas também de protagonizarem um novo modelo de educação. Nesse novo paradigma, a curiosidade dos alunos é o motor, a tecnologia a chave e o professor o guia que os leva a desbravar esse vasto mundo de possibilidades.

À medida que a revolução digital avança, o papel do professor se transforma significativamente. Não se trata mais apenas de transmitir informações, mas de ser um mediador, um facilitador que guia os alunos na vastidão de conteúdos disponíveis online. A tecnologia oferece um universo repleto de oportunidades, e cabe ao educador navegar por esse oceano de informação, ajudando seus alunos a desenvolver habilidades críticas e adaptáveis. Carlos, um professor de ciências, testemunhou a mesma revolução em sua sala de aula. Antes, ele se baseava estritamente em livros didáticos e recursos limitados. Hoje, com o uso de plataformas interativas e de assimilação, ele pode acessar vídeos, simulações e notícias científicas atualizadas num instante. A cada aula, Carlos se lembra de que a informação está ao alcance de todos e que sua função agora é encorajar a curiosidade e o questionamento. "Não é mais sobre o que eu sei, mas sobre como ajudar meus alunos a se tornarem ágeis em encontrar e validar informações", afirma, com um olhar entusiasmado que demonstra a mudança que sente em suas práticas.

O ato de trabalhar as ferramentas digitais envolve um aprendizado contínuo, uma jornada que os professores não podem trilhar sozinhos. Eles precisam se familiarizar com novas tecnologias para que possam apoiá-las em sala de aula. É aqui que se torna crucial a formação técnica e metodológica. Professores como Ana, que participaram de cursos de capacitação, perceberam que essa imersão não apenas promoveu confiança em suas habilidades, mas restabeleceu um sentimento de pertencimento em seu espaço de trabalho. "A sensação de estarmos todos aprendendo juntos, tanto alunos quanto educadores, fortalece o nosso ambiente. Isso muda tudo", declarou, lembrando-se da primeira vez em que utilizou a tecnologia para realizar um projeto colaborativo com os alunos. As habilidades digitais não são apenas um requisito para os educadores, mas também um norte para os alunos. Prepará-los para a vida em um mundo hiperconectado é uma responsabilidade.

Deve-se cultivar o pensamento crítico e a atitude ética em relação ao uso de tecnologia. Sérgio, que é professor de ética e educação digital, sugere: "Devemos fazer com que nossos alunos entendam a conversa sobre tecnologias não como uma oportunidade de acesso à informação, mas como uma convite ao comportamento responsável no mundo virtual. Temos que preparar cidadãos conscientes". No entanto, não basta introduzir novas tecnologias apenas como uma forma de modernização. É crucial refletir sobre como essas ferramentas podem realmente enriquecer a experiência de ensino e aprendizagem. Alguns docentes até relatam a resistência inicial de seus alunos, que muitas vezes estavam tão acostumados a métodos tradicionais que se sentiam inseguros na nova dinâmica.

A professora Rosa, em uma dessas situações, implementou a utilização de fóruns online em suas aulas de literatura. "No começo, eles estavam relutantes em compartilhar suas opiniões em um ambiente digital, mas ao longo do tempo, vi como suas vozes se tornaram mais seguras e articuladas", lembra, orgulhosa. Assim, a relação do professor com a tecnologia deve ser reflexiva e acolhedora, promovendo não apenas o ensino de habilidades digitais, mas também o incentivo ao diálogo e à descoberta. Cada interação em ambiente digital se transforma numa oportunidade de aprendizado mútua, onde professor e aluno se encontram na busca por conhecimento. Finalmente, o professor emerge não como o único detentor do saber, mas como uma bússola, um guia para que os alunos possam explorar, questionar e se engajar em um aprendizado rico e significativo.

A capacitação contínua e a disposição para aprender são fundamentais para que os educadores não apenas acompanhem o ritmo da evolução tecnológica, mas também formem cidadãos preparados para a construção de um futuro inovador. E assim, nesse novo papel como mediadores digitais,

professores poderão ser inspiradores de transformação, moldando não apenas intelectos, mas também corações e almas, em uma jornada conjunta de descobertas. À medida que as tecnologias se tornam cada vez mais incorporadas na educação, a reflexão sobre ética e inclusão digital se torna essencial. O uso de ferramentas digitais traz à superfície questões que vão além do simples acesso à informação, propondo discussões sobre a privacidade, a responsabilidade e as desigualdades que possam surgir nesse novo contexto.

A privacidade dos alunos é um tema crítico que requer atenção. Em um mundo onde dados pessoais são coletados e usados, é fundamental que os educadores compreendam a importância da segurança cibernética. Muitos professores, por exemplo, utilizam plataformas online para enviar atividades e avaliações, mas esquecem-se de verificar as políticas de privacidade desses serviços. “Eu percebi que tinha que ser mais cauteloso. O que compartilho na internet pode ter consequências que não imagino”, comentou o professor Filipe, ao compartilhar sua experiência após um debate sobre o tema na escola. Este tipo de conscientização deve ser encorajado, pois cada educador deve servir como um guardião das informações que seus alunos compartilham.

Além da privacidade, deve-se também considerar o acesso equitativo às tecnologias. Não é suficiente simplesmente introduzir ferramentas digitais na sala de aula; os professores precisam garantir que todos os alunos tenham a capacidade de acessar e utilizar essas tecnologias. Em comunidades carentes, por exemplo, alunos podem não ter os mesmos recursos disponíveis em casa, como Internet de qualidade ou dispositivos adequados. A professora Luísa, que trabalha em uma escola pública, destaca: “Diariamente, vejo alunos que não têm como acessar as atividades online. Isso criaria um abismo em relação àqueles que têm esses recursos. Precisamos de soluções que envolvam a comunidade e garantam acesso a todos.” Portanto, a inclusão digital é uma questão de justiça social. Os educadores têm a responsabilidade de promover um ambiente onde a tecnologia não se torne um fator de exclusão. Colocar em prática ações que busquem corrigir essas desigualdades, como criar parcerias com empresas locais para fornecer dispositivos e acesso à internet, é um caminho que muitos professores estão explorando. As reflexões sobre as implicações éticas do uso da tecnologia e a luta pela inclusão digital assustadoramente caminham lado a lado.

Como resultado, emergem a necessidade de formar alunos que não sejam apenas consumidores de tecnologia, mas usuários críticos. Esta demanda por reflexão obriga os educadores a se tornarem verdadeiros mentores éticos. Por exemplo, ao discutir temas como o uso responsável das redes sociais

ou as consequências de compartilhar informações pessoais, o educador Bruno transformou essas conversas em aula em momentos de aprendizado significativo para seus alunos. “É incrível como eles reagem quando percebem o peso das suas atitudes no ambiente digital. Logo, viram defensores da ética entre os colegas”, ressaltou ele. Para se preparar para essa responsabilidade, os professores devem tomar parte em formações contínuas que explorem tanto as novas tecnologias quanto suas implicações éticas. Sem esse aprofundamento, é desafiador orientar os alunos sobre como navegar nesse novo ambiente. Sem dúvida, essa formação deve abordar a prática e a teoria, promovendo discussões sobre a cidadania digital e os comportamentos adequados de uso. Encerrando esta análise, a educação do futuro exige uma abordagem que vá além da mera implementação de tecnologias. Estamos diante de um momento transformador, onde cada professor deve se tornar um agente de mudança, comprometido em garantir que todos os alunos tenham não apenas acesso às ferramentas digitais, mas também a consciência de como usá-las de maneira ética e responsável.

Assim, à medida que os educadores assumem esse papel proativo, não só contribuem para a formação de cidadãos mais informados, como também moldam uma sociedade mais justa e inclusiva. Essa tarefa, cheia de desafios, é também repleta de oportunidades para edificar um panorama educacional mais rico e plural, onde a tecnologia é aliada essencial na construção de um novo futuro para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas: Papirus, 2015.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

MORAN, José. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 5. ed. Campinas: Papirus, 2014.

PRENSKY, Marc. Não me atrapalhe, mãe – Eu estou aprendendo! São Paulo: Phorte, 2010.

UNESCO. Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação. Paris: UNESCO, 2022.

VALENTE, José Armando. O computador na sociedade do conhecimento. Campinas: UNICAMP/NIED, 1999.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Capítulo 8

10.37423/260711118

A DIVERSIDADE E A INCLUSÃO NA PRÁTICA DOCENTE

ADEMARIO AMANCIO DA SILVA	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
NAYARA DE OLIVEIRA CHAGAS SANTOS	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
THALLITA HAIANE NOGUEIRA CARDOSO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
TATIANA MARIA PEREIRA	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
EDJANE AURELIANO VIEIRA	*UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO*
ALINE MARIA DOS SANTOS SOARES	*UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO*
ANA BEATRIZ LINS ARAGÃO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
GISELE VIDAL DE NEGREIROS	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
RENATA BARBOZA DO NASCIMENTO	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*
FELIPE MIRANDA RODRIGUES	*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO*

CAPÍTULO 8: A DIVERSIDADE E A INCLUSÃO NA PRÁTICA DOCENTE

A diversidade é uma riqueza que permeia todas as esferas da vida, e no ambiente escolar não é diferente. Ao adentrarmos a sala de aula, somos confrontados com uma multiplicidade de experiências, culturas, gêneros, origens e habilidades. É fundamental, portanto, entender as várias dimensões da diversidade e como elas se manifestam entre os alunos. Diversidade é, acima de tudo, reconhecer que cada estudante traz consigo uma história única, influenciada por uma série de fatores sociais, econômicos e culturais.

Dados recentes revelam que quase 50% da população estudantil brasileira se identifica como negra ou parda, refletindo a pluralidade étnica que compõe o país. Ao lado disso, a inclusão de estudantes com necessidades especiais também é um ponto crucial a ser discutido. Segundo o Ministério da Educação, cerca de 25% dos alunos têm algum tipo de deficiência, seja ela física, intelectual ou sensorial. Essas estatísticas não apenas demonstram a diversidade presentes nas salas de aula, mas também reforçam a necessidade de práticas educacionais inclusivas que atendam a essa diversidade.

Quando olhamos para o cotidiano escolar, encontramos educadores que, como a professora Ana, têm experiências diversas a compartilhar. Ana sempre buscou conhecê-los além da superfície, estabelecendo relações que a permitiram entender as lutas e conquistas de cada aluno. “É como se cada um trouxe um pedaço de casa. Meu papel é juntar esses pedaços e construir um ambiente de aprendizado todos juntos”, reflete. Sua prática fez com que alunos que antes se sentiam invisíveis passassem a partilhar suas histórias com confiança e orgulho.

Contudo, essa compreensão também levanta questões relevantes sobre o papel do professor. Ser um educador em um ambiente tão heterogêneo é um desafio imenso, que exige sensibilidade e uma disposição genuína para aprender com os alunos. O ato de ensinar se transforma em um compartilhamento mútuo de conhecimento, onde cada voz é essencial. A crítica de práticas educativas tradicionais, que muitas vezes subestimam a diversidade, passa a ser um ponto de partida. Aqui, o educador se vê impelido a buscar constantemente novas abordagens e metodologias que respeitem e incluam todos. Refletir sobre o que significa ser um educador nesse contexto é um exercício vital. Como

educadores, temos a responsabilidade de promover a equidade no ambiente escolar, assegurando que a diversidade não se torne um obstáculo, mas um êxito a ser celebrado.

A inclusão, longe de ser uma tarefa árdua, é um convite à descoberta e ao crescimento. Dentro dessa jornada, o professor precisa não apenas informar, mas também criar um espaço seguro onde os alunos se sintam valorizados em suas singularidades e abertos a colaborar uns com os outros. Por fim, compreender a diversidade no ambiente escolar é o primeiro passo para que possamos construir práticas educativas efetivas e inclusivas. Um olhar atento e acolhedor pode, de fato, ser o divisor de águas na experiência escolar de muitos alunos. As histórias, lições e interações nos mostram que, ao incluir a diversidade, estamos não apenas formando indivíduos mais conscientes, mas também criando uma sociedade mais justa e rica em valores. É um compromisso que devemos assumir, visando o fortalecimento de um ambiente educacional onde cada aluno e cada identidade são fundamentais para o rico tecido da aprendizagem colaborativa.

Desafios e Barreiras à Inclusão No cotidiano escolar, a diversidade se reflete não só nas histórias e experiências dos alunos, mas também nos desafios significativos que o ambiente educacional enfrenta para promover a inclusão de maneira efetiva. A resistência a mudanças, preconceitos arraigados e a falta de recursos adaptativos emergem como barreiras que precisam ser superadas. Esta reflexão, portanto, é crucial para que possamos entender os obstáculos enfrentados por educadores e instituições no processo de acolhimento da diversidade.

Um dos problemas mais confortantes é o preconceito que se manifesta entre os alunos, por vezes de forma sutil e insidiosa. Relatos de educadores, como o de Vinícius, professor de educação física, revelam como a discriminação pode afetar a dinâmica da sala de aula. "É triste perceber que muitos alunos, apenas por diferenças na forma de aprender ou por fatores socioeconômicos, são marginalizados e excluídos dos grupos", ele conta, um olhar de pesar em seu rosto. Atitudes como essa não só prejudicam a autoestima dos alunos afetados, mas também comprometem a harmonia e o respeito dentro do ambiente escolar.

Ademais, estigmas associados a alunos com necessidades especiais frequentemente geram desconforto em torno da inclusão. A resistência por parte de colegas e até mesmo de educadores que não se sentem preparados para lidar com essas diferenças pode criar uma atmosfera hostil, onde os alunos se sentem isolados e incompreendidos. Maria, uma docente que atua em uma escola inclusiva, compartilha uma experiência reveladora: "No início do ano, enfrentei resistência de alguns alunos em

aceitar a presença de um colega com deficiência física. Com o tempo, ao organizarmos atividades que enfatizavam a cooperação e o respeito, consegui ver a transformação. É um trabalho constante, mas os resultados compensam." Outro obstáculo que muitos professores enfrentam está relacionado à falta de recursos adaptativos. Com um currículo muitas vezes inflexível e uma escassez de materiais didáticos apropriados, muitos educadores se veem limitados em suas ações. “Eu gostaria de ter acesso a mais ferramentas para incluir todos os meus alunos nas atividades. Às vezes, me sinto impotente”, confessa Sofia, que leciona em uma escola pública sem os materiais adequados. Essa limitação pode acentuar as desigualdades existentes, desmotivando tanto alunos quanto professores. Nesse contexto, desenvolvem-se também as expectativas das instituições.

Muitas vezes, é possível notar que a cultura escolar não está suficientemente alinhada a práticas inclusivas, dificultando o esforço dos educadores. A diretoria e os gestores têm um papel fundamental ao facilitar a implementação de políticas que promovam a diversidade e a inclusão. Ludmila, coordenadora pedagógica, reflete: "As mudanças devem ocorrer de maneira sistemática. Importante que a inclusão não seja apenas uma questão de acessibilidade física, mas de acolhimento e celebração das diferenças como parte do cotidiano escolar." Por fim, essa luta diária contra os preconceitos, as barreiras de recursos e a falta de suporte institucional reforça a necessidade de um novo pensamento educacional. A transformação começa por meio da sensibilização e formação continuada dos educadores, promovendo espaços de troca e reflexão. As experiências compartilhadas por professores como Vinícius, Maria e Sofia mostram que, apesar das dificuldades, cada pequena vitória no processo inclusivo representa um avanço significativo. É imprescindível que todos, desde gestores a educadores, estejam comprometidos em criar um ambiente de aprendizado que não apenas respeite, mas valorize a diversidade. A inclusão não deve ser tratada como uma caixa a ser marcada, mas como uma jornada rica em possibilidades, onde cada desafio é um convite à inovação e ao crescimento. E assim, cada um de nós, dentro da escola, pode contribuir para desenhar um futuro onde o diferente não apenas se encaixa, mas brilha em sua singularidade.

Estratégias Práticas para a Inclusão Manter um ambiente escolar inclusivo é um desafio recompensador que exige do educador um arsenal de estratégias práticas e eficazes. As orientações que se seguem têm como objetivo garantir que cada aluno, independentemente de suas particularidades, sinta-se parte do grupo e atraído para a aprendizagem. Neste sentido, adotar uma postura flexível e criativa na abordagem pedagógica é essencial. Uma das primeiras abordagens é a adaptação curricular.

Contudo, essa adaptação não deve ser vista como um mero ajuste, mas como uma rica oportunidade de personalizar as experiências de aprendizado. Professores como Carla, que leciona Língua Portuguesa, têm se aventurado a oferecer atividades que proponham diferentes formas de acesso aos conteúdos. Em suas aulas, ela alterna entre leitura em grupo, audiobooks, vídeos e até mesmo dramáticas encenações das obras literárias. "O objetivo é permitir que cada estudante se conecte com o material da maneira que faz mais sentido para ele", afirma. Dessa maneira, alunos que podem não responder bem à leitura tradicional sentem-se parte de uma jornada conjunta, onde a sustentabilidade do aprendizado é garantida. Outro método viável é a implementação de metodologias ativas. Tais metodologias, que valorizam a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem, podem incluir o trabalho em grupo, debates, e projetos colaborativos. Ao incentivar os alunos a trabalharem juntos, desenvolve-se não só o conhecimento coletivo, mas também a empatia e o respeito. A professora Lia, que atua no ensino fundamental, observa com alegria a transformação em seu ambiente de aula: “Quando eles se juntam em grupos para discutição, presencio um intercâmbio maravilhoso de ideias e perspectivas. Essa diversidade é a verdadeira essência do aprendizado!” O uso de tecnologias também representa uma mão amiga e estratégica na inclusão.

A realidade ampliada e aplicativos interativos têm se mostrado surpreendentes auxiliares na educação. Por exemplo, o professor Miguel aprovou uma série de recursos digitais que promovem a esquematização de conceitos, fazendo com que alunos com dificuldades de entendimento visual possam experimentar a aprendizagem de forma mais significativa. "A tecnologia não elimina as diferenças, mas fornece múltiplos caminhos para que cada aluno possa navegar por seus desafios" afirma Miguel, que tem notado avanços significativos no desempenho de seus alunos. Além disso, práticas de empatia são fundamentais para transformar as relações na sala de aula. Cultivar um ambiente onde o respeito e a solidariedade prevalecem promove a aceitação das diferenças. Esse clima acolhedor pode ser alcançado por meio de atividades de reflexão, como discussões sobre o valor da diversidade. O professor Tiago, que promove debates mensais sobre culturas e experiências pessoais, descreve o impacto positivo que isso gerou: "Os alunos passaram a se ouvir e respeitar mais. Estão mais abertos a compartilhar e a aprender uns com os outros." Buscar histórias de sucesso também é uma poderosa estratégia de conscientização e aprendizado. Escolas que adotaram práticas inclusivas e colheram resultados positivos podem ser fontes de inspirações. Relatos de professores que superaram preconceitos e viram suas turmas se unindo em prol de um objetivo comum são válvulas de motivação para aqueles que ainda encontram barreiras. Uma escola de São Paulo, onde o projeto

de inclusão respeita e celebra as habilidades diversas dos alunos, é um exemplo claro de que transformação é possível. “Não apenas conseguimos integrar mais alunos, mas também percebemos um aumento na participação dos colegas nas atividades gerais. Isso mostra que a inclusão serve a todos” compartilha uma das educadoras da instituição. Dessa forma, estratégias práticas aliadas a uma mentalidade de acolhimento e flexibilidade fazem a diferença no cotidiano escolar. Cada ação concreta que se implementa tem o poder de moldar um espaço de aprendizagem rico em diversidade. Em ambientes como esses, a presença de cada aluno se torna um elemento valioso, decorando um canvas de crescimento, diálogo e novas possibilidades. Os desafios são transformados em oportunidades, onde todos, educadores e alunos, caminham juntos na imensa jornada de aprendizado e formação. É um esforço coletivo onde todos ganham e, principalmente, aprendem. A empatia e a formação contínua são pilares essenciais na prática docente, especialmente em um ambiente escolar que constantemente se expande e diversifica. A inclusão não se trata simplesmente de acolher as diferenças, mas de vivenciá-las ativamente, reconhecendo e valorizando cada estudante como parte fundamental do processo de aprendizagem. O ato de ensinar vai além da mera transferência de conhecimento; é uma dança delicada onde o educador deve ser sensível às necessidades, emoções e experiências dos alunos.

Os professores devem se equipar não apenas com técnicas pedagógicas, mas também com habilidades emocionais. Uma abordagem empática permite que os docentes conectem-se de maneira mais profunda com suas turmas, criando um espaço onde todos se sintam seguros para expressar suas opiniões e questionar suas realidades. “Como eu posso realmente entender meus alunos se não me colocar no lugar deles?”, nos questionou Maria, uma educadora apaixonada que sempre buscou transformar sua sala de aula em um microcosmo inclusivo. Essa simples dúvida reverberou em sua prática, permitindo que seus alunos florescessem em um ambiente acolhedor. Nos dias de hoje, a formação continuada é uma exigência quase inadiável. O panorama educacional está em constante

Aventar-se em cursos, oficinas e formações específicas sobre diversidade e inclusão não é apenas uma estratégia; é uma necessidade. Jorge, um professor experiente, conta que, após participar de um curso sobre ensino inclusivo, pôde integrar novas metodologias que não apenas ampliaram suas habilidades, mas também alteraram a trajetória de aprendizado de seus alunos. “Foi como se eu tivesse redescoberto minha missão como educador. Cada aluno é um potencial a ser desenvolvido, e eu precisava de orientações para ajudá-los nesse processo.” A formação não se limita ao aprendizado de novas técnicas, mas inclui a reflexão crítica sobre os preconceitos que bisbilhotam a prática

educacional. A capacidade de reconhecer e confrontar esses preconceitos é vital para construir um espaço de ensino que não seja apenas tolerante, mas verdadeiramente inclusivo. “Muitas vezes, me tomei consciente de estimativas e estigmas que eu mesmo carregava”, compartilha Ricardo, um jovem professor em seu primeiro ano de magistério. Essa conscientização o levou a buscar treinamento e suporte, num esforço para transformar sua forma de interação e descortinar novas oportunidades para alunos que, de outra forma, poderiam ser ignorados. As ações práticas, frequentemente suscetíveis a transformações significativas durante o cotidiano escolar, surgem quando os professores se permitem serem vulneráveis. O lugar da empatia é também o do erro e da disposição para aprender com eles, depois de olhar para si e para os outros. É importante que os educadores compartilhem suas próprias jornadas de aprendizado, numa troca rica de experiências que possa inspirar não só os alunos, mas também seus colegas.

Assim, ao unir empatia e formação contínua, os professores podem se tornar os verdadeiros agentes de mudança que suas comunidades necessitam. O compromisso com a melhoria contínua, aliado à capacidade de escutar as vozes dos alunos, estabelece um cenário onde a diversidade não é apenas respeitada, mas celebrada. No final, cada pequeno esforço em busca de inclusão revela-se como uma grande conquista, criando uma sociedade mais justa e igualitária, moldada por práticas educativas que reconhecem a singularidade de cada ser humano. O desafio é refletir e agir continuamente, sempre abertos a aprender e crescer juntos nessa fascinante jornada do saber.

A compreensão da diversidade e da inclusão na educação fundamenta-se no princípio de que a escola deve garantir o direito de aprendizagem a todos os estudantes, respeitando suas diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, linguísticas e físicas. Nesse sentido, a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) estabelecem a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, assegurando igualdade de condições para acesso, permanência e sucesso escolar. Complementando esse marco legal, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforçam o compromisso das instituições de ensino com a construção de ambientes inclusivos, acessíveis e promotores da equidade.

Sob a perspectiva pedagógica, Freire (2021) defende uma educação fundamentada no diálogo, no respeito às diferenças e na valorização da autonomia dos sujeitos, compreendendo o professor como

mediador da aprendizagem e agente de transformação social. Na mesma direção, Vygotsky (2007) destaca que o desenvolvimento humano ocorre nas interações sociais, evidenciando a importância de ambientes colaborativos que reconheçam as singularidades dos estudantes e promovam sua participação ativa no processo educativo.

No campo específico da educação inclusiva, Mantoan (2015) afirma que incluir não significa apenas matricular estudantes com deficiência na escola regular, mas reorganizar práticas pedagógicas, currículos e estratégias de ensino para atender à diversidade presente nas salas de aula. Sassaki (2010) amplia essa compreensão ao definir inclusão como um processo contínuo de eliminação de barreiras físicas, pedagógicas, comunicacionais e atitudinais que limitam a participação plena de todos os indivíduos na sociedade. Da mesma forma, Mittler (2003) ressalta que a inclusão escolar depende de mudanças estruturais nas instituições, envolvendo professores, gestores, famílias e comunidade na construção de uma cultura de respeito às diferenças.

Segundo Stainback e Stainback (1999), a escola inclusiva é aquela que reconhece a diversidade como um valor educativo, desenvolvendo estratégias pedagógicas flexíveis capazes de atender às necessidades individuais dos estudantes. Nesse contexto, metodologias ativas, adaptação curricular, trabalho colaborativo, tecnologias assistivas e práticas de ensino diferenciadas tornam-se instrumentos essenciais para garantir oportunidades equitativas de aprendizagem.

As orientações da UNESCO (2009) reforçam que a educação inclusiva constitui um dos pilares para a construção de sociedades mais justas e democráticas, defendendo políticas públicas que assegurem igualdade de oportunidades e valorização da diversidade humana. Essa perspectiva também está presente na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), ao reconhecer a diversidade como princípio formativo e ao propor o desenvolvimento de competências relacionadas à empatia, ao respeito, à cooperação e à cidadania.

Dessa forma, a prática docente voltada para a diversidade exige formação continuada, reflexão crítica e compromisso ético com a promoção da equidade. O professor deixa de ser apenas transmissor de conteúdos para atuar como mediador, facilitador e promotor de experiências educativas que valorizem cada estudante em sua singularidade, contribuindo para a construção de uma escola democrática, inclusiva e socialmente comprometida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? 2. ed. São Paulo: Summus, 2015.

MITTLER, Peter. Educação inclusiva: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. 9. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999.

UNESCO. Diretrizes sobre políticas de inclusão na educação. Paris: UNESCO, 2009.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

QUEM SOU EU DENTRO E FORA DA ESCOLA?

O MUNDO DOS PROFESSORES NO CONTEXTO ATUAL

Ademário Amâncio da Silva
Thallita Haiane Nogueira Cardoso
Tatiana Maria Pereira
Edjane Aureliano Vieira
Aline Maria dos SantosSoares
Ana Beatriz Lins Aragão
Gisele Vidal de Negreiros
Renata Barboza do Nascimento
Nayara de Oliveira Chagas Santos
Felipe Miranda Rodrigues

conhecimentolivre.org/home
contato@conhecimentolivre.org
editoraconhecimentolivre



EDITORA CONHECIMENTO LIVRE